

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
NÍVEL MESTRADO**

**CAUÊ RODRIGUES**

**MASCULINIDADES E CUIDADOS COMUNITÁRIOS EM CONTEXTO DE  
PANDEMIA:  
formulações e transformações na cidade de São Leopoldo**

**SÃO LEOPOLDO  
2022**

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
NÍVEL MESTRADO

CAUÊ RODRIGUES

MASCULINIDADES E CUIDADOS COMUNITÁRIOS EM CONTEXTO DE  
PANDEMIA:  
formulações e transformações na cidade de São Leopoldo

Dissertação apresentado como requisito para  
obtenção do título de Mestre, pelo Programa  
de Pós-Graduação em Ciências Sociais da  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -  
UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Laura Cecilia López

SÃO LEOPOLDO  
2022

R696m      Rodrigues, Cauê.

Masculinidades e cuidados comunitários em contexto de pandemia : formulações e transformações na cidade de São Leopoldo / Cauê Rodrigues. – 2022.

101 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2022.

“Orientadora: Profa. Dra. Laura Cecilia Lopez”

1. Cuidado. 2. Gênero. 3. Masculinidades. 4. Saúde. I. Título.

CDU 3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Bibliotecária: Silvana Dornelles Studzinski – CRB 10/2524)

CAUÊ RODRIGUES

**MASCULINIDADES E CUIDADOS COMUNITÁRIOS EM CONTEXTO DE  
PANDEMIA:**

**formulações e transformações na cidade de São Leopoldo**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Aprovado em 16 de Agosto de 2022

**BANCA EXAMINADORA**

---

Adriano Henrique Caetano – Universidade de São Paulo

---

Juliana Sant'ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Miriam Steffen Vieira – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

## **AGRADECIMENTOS À CAPES**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

**Dedico esta dissertação a todas as mulheres que me questionaram e acolheram ao longo da vida, também aos homens que ousaram abraçar suas e me mostraram caminhos a seguir.**

## AGRADECIMENTOS

A dissertação existe pelo esforço de pessoas muito queridas que me ajudaram ao longo desses 2 anos, obrigado por construírem esse sonho comigo!

Agradeço primeiramente à Laura Cecilia López, minha orientadora, exemplo de pesquisadora e amiga. Obrigado por me ajudar a sanar as feridas deixadas por ambientes acadêmicos tão endurecidos, mostrando tanto amor e CUIDADO ao pesquisar e conversar. Por toda a parceria ao longo desses dois anos, com muito trabalho, palestras e tantos aprendizados em conjunto. Tu me fizeste acreditar novamente no meu ser pesquisador, dando um sentido concreto para a construção desta dissertação!

Agradeço ao Lucas de Bárbara Wendt, por todo o carinho compartilhado ao longo destes dois anos. Por ser abrigo em tantos momentos de tormenta e apoiar na concretização deste sonho. Obrigado também por toda a sensibilidade que me mostrou e me inspirou a acreditar e lutar por homens melhores.

Agradeço à Natália Inês Schoffen Corrêa (Nati) por caminhar junto durante toda a pesquisa, pela sensibilidade às pessoas e aos detalhes, por todas as parcerias em tantos projetos de escrita e por todo carinho dispensado, tu é uma pesquisadora incrível.

Agradeço ao Murilo de Carvalho por todo o apoio durante a construção da dissertação, pelo exemplo de profissionalismo e afeto, demonstrando o quanto os homens podem transformar a si mesmos e a realidade que os cerca, me inspiro muito em ti!

Agradeço à Milena Cassal Pereira (Mi), lembro que no meu primeiro e último semestre lembrou que ser um pesquisador trabalhador não é fácil, pelo carinho transmitido e por todas as inquietações tão produtivas que sempre me produziu.

Agradeço por fazer parte da criação do LabIES e por poder ter vocês como grupo de pesquisa. Pude me experimentar e me inspirar em todos os nossos encontros!

Agradeço ao Coletivo Ponto Gênero, materializado pelo Júlio Sá, Carolina Bohn, Denise Zagonel, Rafael Carlos e Nicolas Alcântara, em momentos tão difíceis, vocês têm me ajudado a acreditar e lutar pela transformação dos homens.

Agradeço às minhas amigas que acompanharam nessa caminhada, em especial ao Artur Gabriel Arnold Becker por me escutar constantemente sobre as dificuldades e prazos desse percurso final. E à Vanessa Ruffatto Gregoviski, sempre me questionando e ajudando a enxergar os próximos passos a serem dados na dissertação.

Agradeço aos homens que toparam os encontros e se abriram ao diálogo, por se permitirem refletir e questionar a si mesmos, moldando assim novas possibilidades de existirem.

Por fim, em tom de alegria e lamento, agradeço a todas as pessoas que constituem o corpo do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Vocês me acolheram em todas as dificuldades e tenho certeza que saio deste espaço como Mestre de forma integral, aprendendo ainda mais sobre fazer pesquisa e ciência social. Mas, principalmente em lutar contra as desigualdades produzidas, inclusive, pelos ambientes acadêmicos, aprender que o conhecimento é uma ferramenta política para a emancipação da sociedade como um todo. Registro, desta forma, minha nota de dor e revolta contra a decisão da Universidade em fechar este PPG que demonstra uma excelência acadêmica, completamente implicado com a comunidade que o cerca. Agradeço especialmente às professoras que me acompanharam neste percurso: Adevanir Aparecida Pinheiro, Adriane Vieira Ferrarini, Juliane Sant'ana Bento, Laura Cecília López, Marília Veríssimo Veronese, Miriam Steffen Vieira e Monica Weronika Dowbor.



## LUTO

*Hoje não consigo mais lutar, sou luto  
luto que não é meu, está em tantos lugares  
Aquele silenciado na boca da mulher que grita por liberdade  
Escorre nos olhos da mãe negra da favela  
Aquele que chora por saber que seu filho não voltará  
Esfagueado pelos Excelentíssimos  
Torturado junto à democracia  
Hoje o luto é substantivo  
Morto antes de virar verbo  
Banhado em sangue arco-íris  
Da minha comunidade crucificada diariamente  
Preso no pecado de amar  
Hoje luto  
Amanhã, luta*

*Cauê Rodrigues*

## RESUMO

A presente dissertação foi construída em diálogo com o projeto guarda-chuva “Equidade de gênero e políticas do cuidado em contexto de pandemia: pesquisa-ação em territórios da cidade de São Leopoldo”, o qual pretende analisar os efeitos da pandemia de COVID-19 nas relações de gênero e de cuidado comunitário dentro do bairro Feitoria no município de São Leopoldo. Este recorte focará nas construções das masculinidades, também será criado um paralelo com a relevância do Estado na construção ou manutenção desses cuidados a partir da análise da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH), demarcando como as políticas públicas de saúde influenciam e ajudam a construir as formas de experienciar as relações de masculinidades. Teve como objetivo geral, analisar as relações de cuidado comunitário que envolvem as masculinidades no período da pandemia de COVID-19, no bairro Feitoria da cidade de São Leopoldo/RS. Para tal, utilizou-se de uma pesquisa qualitativa de abordagem etnográfica. O recorte etnográfico se dá na medida em que a inserção no campo foi tida como essencial para a construção do percurso metodológico, possibilitando a análise sobre estruturas socioculturais e suas articulações comunitárias, pautando-se em um conhecimento construído a partir de observações atentas do pesquisador, que mantém uma postura de abertura e respeito. Com a fala dos entrevistados, percebe-se que o trabalho na ESF serviu como uma forma de mudança em suas identidades, aproximando-os das relações de cuidado consigo e com demais pessoas. Ao olhar para a produção do cuidado de maneira ampla, ressalta-se que embora exista uma política voltada à saúde do homem, ela é construída para os corpos cisgêneros, brancos e heterossexuais, tendo pouca efetividade na produção de cuidado dos homens. Desta forma, embora haja uma possibilidade de transformação, ela acontece de maneira local e individual, faltando uma formação profissional e contínua que embase e garanta a produção de cuidado com o público masculino. Ressalta-se, a necessidade de mais trabalhos no campo, capazes de produzir brechas nas normativas de gênero e que abram espaços para outras narrativas serem contadas, ampliando os repertórios masculinos sobre suas possibilidades de existências.

Palavras chave: Masculinidades; Cuidado; Saúde; Gênero.

## RESUMEN

La presente disertación fue construida en diálogo con el proyecto marco “Equidad de género y políticas de cuidado en el contexto de una pandemia: investigación-acción en los territorios de la ciudad de São Leopoldo”, que tiene como objetivo analizar los efectos de la pandemia de la COVID-19 en las relaciones de género y atención comunitaria en el barrio de Feitoria en el municipio de São Leopoldo. Este recorte se centrará en las construcciones de las masculinidades, también se creará un paralelo con la relevancia del Estado en la construcción o mantenimiento de este cuidado a partir del análisis de la Política Nacional de Atención Integral a la Salud del Hombre (PNAISH), deslindando cómo pública las políticas de salud influyen y ayudan a construir formas de vivir las relaciones de masculinidad. Tuvo como objetivo general analizar las relaciones de cuidado comunitario que envuelven las masculinidades en el período de la pandemia de la COVID-19, en el barrio Feitoria de la ciudad de São Leopoldo/RS. Para ello, se utilizó una investigación cualitativa con enfoque etnográfico. El corte etnográfico se da en la medida en que la inserción en el campo fue considerada esencial para la construcción del camino metodológico, permitiendo el análisis de las estructuras socioculturales y sus articulaciones comunitarias, a partir de un saber construido a partir de la atenta observación del investigador, que mantiene una actitud de apertura y respeto. Con el discurso de los entrevistados, queda claro que el trabajo en la ESF sirvió como una forma de cambiar sus identidades, acercándolos a las relaciones de cuidado consigo mismos y con otras personas. Al mirar la producción del cuidado de forma amplia, se destaca que si bien existe una política dirigida a la salud de los hombres, ésta está construida para cuerpos cisgénero, blancos y heterosexuales, teniendo poca efectividad en la producción del cuidado de los hombres. De esta forma, si bien hay cambios, estos ocurren local e individualmente, careciendo de una formación profesional y continua que sustente y garantice la producción de cuidados con el público masculino. Enfatizamos la necesidad de más trabajo de campo, capaz de producir brechas en las normas de género y abrir espacios para que otras narrativas sean contadas, ampliando los repertorios masculinos sobre sus posibilidades de existencia.

Palabras clave: Masculinidades; Cuidado; Salud; Género.

## ABSTRACT

The present dissertation was built in dialogue with the umbrella project “Gender equity and care policies in the context of a pandemic: action research in territories of the city of São Leopoldo”, which aims to analyze the effects of the COVID-19 pandemic in gender relations and community care within the Feitoria neighborhood in the municipality of São Leopoldo. This clipping will focus on the constructions of masculinities, a parallel will also be created with the relevance of the State in the construction or maintenance of this care from the analysis of the National Policy for Integral Attention to Men's Health (PNAISH), demarcating how public health policies influence and help to build ways of experiencing masculinity relationships. Its general objective was to analyze the relationships of community care that involve masculinities in the period of the COVID-19 pandemic, in the Feitoria neighborhood of the city of São Leopoldo/RS. For this, a qualitative research with an ethnographic approach was used. The ethnographic approach takes place to the extent that the insertion in the field was considered essential for the construction of the methodological path, enabling the analysis of sociocultural structures and their community articulations, based on a knowledge built from the researcher's careful observations, that maintains an attitude of openness and respect. With the interviewees' speech, it is clear that the work in the ESF served as a way of changing their identities, bringing them closer to the care relationships with themselves and with other people. When looking at the production of care in a broad way, it is emphasized that although there is a policy aimed at men's health, it is built for cisgender, white and heterosexual bodies, having little effectiveness in the production of care for men. In this way, even if there are transformations, they happen locally and individually, lacking professional and continuous training that supports and guarantees the production of care with the male audience. We emphasize the need for more work in the field, capable of producing gaps in gender norms and opening spaces for other narratives to be told, expanding male repertoires about their possibilities of existence.

Keywords: Masculinities; Care; Health; Gender.

## LISTA DE SIGLAS

ACS	Agente Comunitário de Saúde
ANTRA	Associação Nacional de Travestis e Transexuais
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DF	Distrito Federal
ESF	Estratégia Saúde da Família
LabIES	Laboratório de Interseccionalidades Equidade e Saúde
LGBTQIA+	Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, queers, intersexuais, agêneros/assexuais e outras expressões de gênero e sexualidade
Neabi	Núcleo Brasileiro de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PNAISH	Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem
PROSUC	Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior
ProUni	Programa Universidade para Todos
SUS	Sistema Único de Saúde

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
PROBLEMÁTICA DE PESQUISA .....	16
<b>2 COMENDO O PESQUISADOR E O PESQUISAR .....</b>	<b>21</b>
2.1 O SER HOMEM, MESTRANDO, PESQUISADOR... ..	21
2.2 ADENTRANDO A PESQUISA.....	26
<b>2.2.1 A METODOLOGIA ATRAVÉS DO DIALÓGO NORTE E SUL.....</b>	<b>30</b>
<b>2.2.2 O DESENVOLVIMENTO DO CAMPO .....</b>	<b>31</b>
<b>3 DEMARCANDO O ESPAÇO DISCURSIVO .....</b>	<b>37</b>
3.1 TRILHANDO A COLONIALIDADE .....	42
3.2 A CONSTRUÇÃO DE SUJEITOS RACIALIZADOS.....	44
3.3 ENCENANDO AS MASCULINIDADES.....	47
<b>4 IDENTIDADES MASCULINAS EM PAUTA: FORMAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES POSSÍVEIS.....</b>	<b>51</b>
4.1 IDENTIDADES SOCIAIS E MASCULINIDADES.....	51
4.2 REPRESENTAÇÕES MASCULINAS E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS: DIÁLOGOS COM HOMENS QUE CUIDAM/CUIDADORES.....	59
<b>5 AS POLÍTICAS DO (NÃO) CUIDADO MASCULINO: APLICAÇÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS PARA A SAÚDE EM CONTEXTO COMUNITÁRIO .....</b>	<b>68</b>
5. 1 MASCULINIDADES EM CENÁRIO PANDÊMICO .....	68
5. 2 ENTRE O HOMEM ABSTRATO E O REAL: PRODUÇÃO DE MASCULINIDADES NA PNAISH E NA ESF.....	74
<b>6 NARRATIVAS ENCONTRADAS E POSSIBILIDADES A SEGUIR .....</b>	<b>84</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>87</b>
<b>ANEXO 1.....</b>	<b>95</b>
<b>ANEXO 2.....</b>	<b>96</b>
<b>APÊNDICE 1 – POEMA ALIENÍGENA.....</b>	<b>97</b>
<b>APÊNDICE 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA DOUGLAS E JONAS (ACS) .....</b>	<b>98</b>
<b>APÊNDICE 3 - ROTEIRO ENTREVISTA MARCOS (FISIOTERAPEUTA) .....</b>	<b>99</b>
<b>APÊNDICE 4 – ROTEIRO ENTREVISTA IGOR (ENFERMEIRO).....</b>	<b>101</b>
<b>APÊNDICE 5 - ROTEIRO ENTREVISTA PEDRO (GRADUANDO DE MEDICINA) .....</b>	<b>102</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação se propõe a analisar as relações de cuidado comunitário que envolvem as masculinidades no período da pandemia de COVID-19, num território da cidade de São Leopoldo perpassado por desigualdades e violências estruturais, que nos permita visualizar os atravessamentos de gênero, raça e classe.

As discussões sobre masculinidades começaram a ganhar forma no Brasil a partir das últimas duas décadas, sendo um marco na área a criação da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH) (BRASIL, 2008), colocando o homem como foco de cuidado pela atenção básica e promovendo ações de cuidados específicas para eles. Já na última década houve o desenvolvimento de políticas apoiadas pela ONU Mulheres, sendo realizada uma pesquisa fundamental para entender a influência do machismo na saúde dos homens e das mulheres no cenário brasileiro. A pesquisa intitulada “Precisamos falar com os homens?”<sup>1</sup> (ONU MULHERES, 2016), que posteriormente desenvolveu o documentário de mesmo nome, aponta para a violência produzida contra mulheres diariamente, através de violências psicológicas, físicas e morais, pois elas “ganham em média 30% a menos que os homens”, “idade média na qual sofrem o primeiro assédio, no Brasil, é de 9 anos” e “são estupradas a cada 11 minutos”. Também aponta para os sofrimentos causados nos homens, pois além de matarem as mulheres, também são vítimas da violência, sendo que “91,4% das vítimas de homicídio são homens”, “se suicidam quatro vezes mais que mulheres” e representam “95% da população no sistema carcerário brasileiro”, demonstrando a necessidade urgente de desconstruirmos a maneira como homens se relacionam socialmente. É necessário ressaltar que esses dados são generalizados e não visibilizam os contrastes existentes em relação a raça, classe e sexualidade. Ambos movimentos emergem discussões nos espaços acadêmicos e movimentos sociais e colocam as masculinidades em questão, apontando para a urgência nas suas transformações. Entendemos que o enfoque para as masculinidades é uma importante contribuição para as análises de gênero, possibilitando a exploração de um campo que atualmente encontra-se em elaboração e aprimoramento constante.

---

<sup>1</sup> Embora a pesquisa seja uma importante referência para pensar nas masculinidades, seu público alvo são os homens cis hetero brancos, tendo pouca discussão interseccional.

O outro ponto que embasou inicialmente a construção desta dissertação foi o impacto global da pandemia de COVID-19<sup>2</sup>, demonstrando a fragilidade mundial em lidar com crises sanitárias e humanitárias. Ao olharmos para o Brasil, nos deparamos com a junção entre a pandemia e as crises política e social vivenciada desde o golpe de 2016<sup>3</sup>, em que as políticas de saúde e a produção científica são atacadas constantemente e inflam ainda mais os sofrimentos vivenciados pela pandemia. Percebemos no cenário inicial do desenvolvimento da pandemia que algumas pesquisas de 2020 (ONU MULHERES, 2020; IPEA, 2020b; FORÚM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2020) apontam a importância das mulheres nas linhas de cuidado frente a crise, ao mesmo tempo em que alerta para o perigo de aumento das situações de violência doméstica. Nesse mesmo período há uma lacuna de estudos focados em como a pandemia de COVID-19 tem afetado a saúde dos homens e seus sofrimentos<sup>4</sup>.

Para vislumbrar as masculinidades neste cenário, é necessário assumir uma perspectiva feminista que coloca os homens como múltiplos, construídos a partir de normativas e relações de gênero pautadas como estruturas sociais. Ter essa postura vai de encontro a uma busca por justiça social, entendida como “uma reivindicação de reparo de desigualdade, que acaba por trazer tanto vantagens quanto desvantagens enquanto características institucionalizadas da vida social” (CONNELL, 2014, p. 14). Logo, homens e mulheres são constituídos de maneira integrada e complementar, através das diferentes marcas que lhes atravessam. A partir desta visão, todas as problemáticas e sofrimentos que atingem homens ou mulheres deixam de serem enxergadas a partir de caixas dicotômicas e separadas, compreendendo que as soluções para tais questões só podem ser compreendidas a partir da abordagem das relações de gênero que são estabelecidas junto com um viés interseccional de raça, classe, geração, entre outros (CONNELL, 2014).

---

<sup>2</sup> A pandemia de COVID-19 é decorrente do vírus SARS-CoV-2, desenvolvendo uma doença altamente contagiosa que afeta principalmente o sistema respiratório. Teve a primeira notificação em dezembro de 2019, espalhando-se por todo o mundo durante o ano de 2020 em diante, sendo responsável por milhões de mortes, o Brasil foi um dos países mais afetados e até a finalização dessa dissertação ainda vivemos em cenário pandêmico (RAFAEL et al, 2020)

<sup>3</sup> O Golpe de 2016 é o resultado da crescente onda conservadora que se instalou no Brasil e a crise política vivenciada a partir das eleições de 2014, sendo seu desfecho o impeachment da então presidenta Dilma Rousseff. Para mais informações, ver (BASTOS, 2017)

<sup>4</sup> Durante o desenvolvimento desta dissertação alguns grupos de pesquisa começaram a publicar sobre a saúde dos homens, sendo destaque as pesquisas realizadas pelo Grupo de Estudos Sobre o Cuidado em Saúde (GECS) (SOUSA, 2020a; SOUSA, 2020b)



## PROBLEMÁTICA DE PESQUISA

A presente dissertação foi construída em diálogo com o projeto guarda-chuva “Equidade de gênero e políticas do cuidado em contexto de pandemia: pesquisa-ação em territórios da cidade de São Leopoldo”, o qual pretende analisar os efeitos da pandemia de COVID-19 nas relações de gênero e de cuidado comunitário dentro do bairro Feitoria no município de São Leopoldo. Este recorte focará nas construções das masculinidades, também será criado um paralelo com a relevância do Estado na construção ou manutenção desses cuidados a partir da análise da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH), demarcando como as políticas públicas de saúde influenciam e ajudam a construir as formas de experienciar as relações de masculinidades.

Se formos olhar os estudos que questionam a relação entre gênero e epidemias/pandemias, com maior frequência é destacada a vulneração de mulheres nesses contextos críticos (HARMAN, 2015; DINIZ, 2016; PIMENTA, 2019). Nota-se que as referências às situações de vulneração das mulheres enunciadas e investigadas de diversas maneiras podem ser complementadas com questionamentos de como os homens vivenciam a pandemia e como as dinâmicas de gênero são reatualizadas e desigualdades potencializadas diferencialmente para homens e mulheres, considerando também outras dinâmicas como raça, classe, sexualidade.

O tema das masculinidades vem ganhando notoriedade nos ambientes acadêmicos nos últimos 20 anos (VIVEROS VIGOYA, 2018, AGUAYO e NASCIMENTO, 2016), colocando em questão o entendimento de gênero de maneira relacional, tirando o foco anteriormente colocado sobre as mulheres. Através da influência das discussões globais sobre masculinidades, no Brasil essa temática tem como um importante marco da construção da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem, buscando colocar em prática o cuidado das singularidades relacionadas às masculinidades.

É importante mencionar aqui alguns estudos que ajudaram a embasar e desenvolver um olhar crítico sobre a construção das masculinidades e a construção de um espaço que vise desenvolver e promover a saúde dos homens. A dissertação de Santos (2013), através de um viés pós-estruturalista, desenvolve uma importante genealogia sobre a construção e emergência da PNAISH, historicizando sua

possibilidade de criação e de como os homens se constroem no diálogo, ou a falta dele, com os espaços de saúde. Martins e Malamut (2013) ajudam na elucidação dos discursos que permeiam a PNAISH, marcando os movimentos políticos e a ausência dos homens nessa construção, além disso, traçam os homens possíveis de serem visibilizados na política. Separavich (2014) segue a discussão da formulação e desenvolvimento da política, e faz a análise do projeto piloto da aplicabilidade da PNAISH, numa unidade de saúde situada em Campinas – São Paulo, ressaltando a importância da construção dessa política, mas apontando de maneira crítica as primeiras lacunas e brechas apresentadas pela primeira experiência da sua implementação. Além disso, tece uma importante discussão das experiências de adoecimento vivenciadas pelos homens, relacionando-as com a percepção que os homens possuem sobre seus corpos, sobre a saúde e a doença, pautando o espaço do envelhecimento na discussão das masculinidades. Leal, Figueiredo e Nogueira-da-Silva (2012) adentram em discussões iniciais sobre a implementação no Sistema Único de Saúde (SUS), trazendo à tona a falta de diálogo entre a formulação da PNAISH e os serviços que devem colocá-la em prática, mostrando assim as dificuldades dos espaços de saúde na sua implementação. Por fim, Pereira, Klein e Meyer (2019) discutem como a PNAISH possui um carácter educativo, no intuito de instituir discussões sobre promoção e prevenção à saúde num viés de integralidade e equidade, porém, ao mesmo tempo, ela assiduamente reafirma um modo de vivenciar a masculinidade e coloca os homens num espaço de culpabilização pelas suas faltas de cuidado e distanciamentos dos serviços de saúde.

A partir da percepção destes importantes trabalhos que questionam e abrem possibilidades de análise da PNAISH, o intuito da dissertação não é realizar uma nova análise de desenvolvimento aprofundado da sua construção, mas compreender se ela vem sendo aplicada e desenvolvida no cotidiano comunitário e quais as possibilidades de cuidado em saúde que são abertas aos homens.

Um conceito importante para nossa pesquisa é o de cuidados comunitários, definido por Vega, Martínez e Paredes (2018) como um conjunto de práticas heterogêneas que surgem de coletividades e redes que podem gerar apoio e atuar politicamente. A dimensão comunitária se organiza em processos híbridos que articulam instâncias públicas, economias monetárias e/ou relações de parentesco e

vizinhança, sendo que a realização e a organização do cuidado estariam nas mãos da coletividade que faz próprias as condições de execução e seus benefícios.

Embora a definição de cuidados comunitários citada abarque distintos atores e arranjos sociais, o foco desta pesquisa se orientou à produção de cuidados na Atenção Básica do SUS, principalmente na modalidade de Estratégia de Saúde da Família, por representar o cuidado mais disseminado nos territórios e articulado com a vida comunitária.

Um fator importante para o desenvolvimento desta pesquisa é a iminente crise de saúde mundial, vivenciada pela pandemia de COVID-19, sendo parte do projeto guarda-chuva. Neste recorte, será visualizado os cuidados empregados aos homens, assim como seus espaços de desproteção e as possibilidades de intervenção que serão desenvolvidas através da pesquisa junto à comunidade. Pela situação inédita do surto de COVID-19, serão feitas constantemente pesquisas e discussões com os trabalhos que estão em elaboração no presente momento, entendendo que o fato de estarmos vivenciando este cenário, nos abre possibilidades de discussão sobre a experiência contemporânea. Alguns trabalhos (SOUSA, 2020(a); SOUSA, 2020(b)) já estão pautando as experiências dos homens frente aos cenários de pandemia e estão ajudando a analisar os possíveis impactos na população de forma geral.

Uma questão que levantamos é como os homens são cuidados e cuidam de outras pessoas em territórios afetados por várias desigualdades e violências estruturais? Como isso se dá no contexto da pandemia de COVID-19?

Nesse sentido, o objetivo geral que guiou a pesquisa foi o de analisar as relações de cuidado comunitário que envolvem as masculinidades no período da pandemia de COVID-19, no bairro Feitoria da cidade de São Leopoldo/RS.

Como objetivos específicos, foram propostos:

- Identificar as estratégias de cuidado voltadas a homens durante a pandemia de COVID-19;
- Analisar como os homens se relacionam com as representações de ser cuidado e de cuidadores;
- Indagar sobre a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem e sua aplicabilidade no cenário de pandemia no contexto da Atenção Básica do bairro.

O material que apresento está organizado da seguinte maneira. Este capítulo serve como introdução e demarcação da problemática de pesquisa e os objetivos construídos para esta pesquisa.

O segundo capítulo inicialmente apresenta uma análise de implicação, pensando no sujeito que constitui o pesquisar, em diálogo com a metodologia empregada na dissertação, demarcada como qualitativa com inspiração etnográfica, atentando-se para os preceitos de relevância social, rigorosidade na descrição e análise, reflexão crítica e a relação estabelecida entre os atores da pesquisa, como propõe Streck (2016). Também traz a discussão sobre os atravessamentos teóricos entre Norte e Sul que permeiam a escrita e a reflexão sobre os possíveis diálogos entre si. Por fim é apresentado o campo no qual a pesquisa foi realizada e um breve histórico do bairro Feitoria.

O intuito do terceiro capítulo, intitulado Demarcando o Espaço Discursivo, é apresentar as perspectivas teóricas com as quais trabalho ao longo da dissertação, problematizando a importância de visibilizar os marcadores sociais a partir de uma abordagem interseccional, entendendo a produção constante entre os diferentes marcadores existentes num cenário brasileiro construído a partir da lógica colonial e a forma como ela constituiu as vivências raciais e de gênero ao longo do processo colonizador. Este desenvolvimento teórico é fundamental para entender todo o processo de subjetivação contemporânea, dando enfoque para a produção de subjetividade masculina. Ao longo da escrita abrir-se-ão questões a serem aprofundadas e analisadas através da prática do trabalho de campo, com o intuito de compreender como as lógicas colonialistas são operadas na vida cotidiana dos sujeitos no território pesquisado.

O quarto capítulo versa sobre a construção de identidades e como sofreram significativas transformações nos últimos anos, ganhando um espaço de discussão em âmbito social. A compreensão destas mudanças e de como os sujeitos estão se relacionando com elas é necessária para entender o cenário social e os movimentos progressistas e conservadores presentes na contemporaneidade. Os homens são importantes atores na produção da desigualdade e a partir da compreensão de como se formam suas subjetividades, também podem-se abrir brechas para intervenções que busquem pautar suas relações na equidade e justiça social. A partir destas interlocuções, pretende-se visibilizar como os homens são subjetivados

pelas normativas sociais que os atravessam e como ocupar um espaço de cuidado pode servir como um agente transformador de suas identidades.

No quinto capítulo discute-se a relação entre a pandemia de Covid-19 e a subjetividade masculina, compreendendo a ausência de investimento nos cuidados dos homens como uma produção histórica que segue sendo reforçada mesmo após a criação e desenvolvimento da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH), demarcando também como o cenário político brasileiro fragiliza diretamente os cuidados masculinos e amplia assim a fragilização de toda a sociedade nesse cenário de pandemia, denotando um cenário mundial em que os homens são os principais transmissores e vítimas do coronavírus. Trago para a análise os diálogos mantidos com os homens responsáveis de colocar em prática os cuidados com os homens dentro da Estratégia Saúde da Família, refletindo em como a política é, ou não, aplicada e as possibilidades de cuidado desenvolvidas no campo.

O último capítulo apresenta as conclusões possíveis a partir da caminhada da dissertação, trazendo a importância de discutir as formas como os homens foram construindo suas identidades através de suas experiências, dialogando com as representações sociais que constroem as compreensões sobre masculinidades. Também traz as lacunas abertas com a pesquisa e discussões que precisam ser aprofundadas em trabalhos posteriores.

## 2 COMPONDO O PESQUISADOR E O PESQUISAR

Para refletir sobre a construção metodológica que baseará a pesquisa, decido dividir em dois momentos, para fins teóricos, já que na prática eles se entrelaçaram e foram constituindo-se mutuamente durante os dois anos que constituíram este recorte de vida, marcado principalmente pelo cenário social caótico em decorrência das crises estruturais brasileiras, aglomerada ao início e desenvolvimento da pandemia de COVID-19. O primeiro momento é um relato que serve como análise de implicação, apresentando um pouco as marcas e experiências deste pesquisador, pensando tanto no processo de pesquisar, quanto nas constituições identitárias e percepções como autor e ator da própria vida e na relação constante com a sociedade, sendo produzido e produzindo pela realidade que me cerca. Após olhar para o corpo de pesquisador, a reflexão vai para o pesquisar e as maneiras de constituir uma pesquisa, dialogando com as diferentes metodologias que ajudam a traçar o campo e os percursos que serão traçados durante o seu desenvolvimento.

### 2.1 O SER HOMEM, MESTRANDO, PESQUISADOR...

Poetizo

Meus sentimentos jogados em palavras  
 Traduções livres de muita dor  
 Outras tantas regadas daquele puro amor  
 Sou poeta da vida  
 Rasgado pelas experiências  
 Busco refúgio nas palavras  
 Me constituo na escrita

Cauê Rodrigues

Encontro-me num apartamento no bairro centro da cidade, privilegiado pela oportunidade de ter enfrentado boa parte da pandemia distante das grandes aglomerações, constantemente num quarto fechado. O caos, potencializado pela crise política, torna tudo mais difícil, o cenário se transforma em sofrimento pela morte de parentes, conhecidos e amigos, até o momento em que surge a vacina, trazendo um leve ar de esperança de dias menos piores.

Neste processo escrevo A dissertação, provando que meus conhecimentos foram construídos o suficiente para dar a qualificação profissional. Aqui uma pequena confissão, ao ler Collins (2016) entro em contradição, por um lado sou

marcado e constituído enquanto homem cisgênero<sup>5</sup> e branco, com uma gama de privilégios que me possibilitam acessar a Universidade com facilidade e obter reconhecimento, poderia ser marcado assim como um insider dentro da discussão do texto. Ao mesmo tempo, alcancei espaços que antes foram completamente impossibilitados aos meus pais e antecessores, pois a graduação nunca foi um espaço que sonhável a quem se é pobre. Sou o primeiro da minha família nuclear a adentrar o Ensino Superior e o primeiro da família ampla a ir para o Mestrado, pois apenas alcancei esses patamares a partir de ajudas externas do Governo, sendo a Graduação possível apenas pela existência do ProUni e o Mestrado em decorrência da Bolsa que custeou as mensalidades (a chamada modalidade “taxa”) da CAPES/PROSUP. O conceito de outsider within é um tanto mais palatável, pois embora tenha adentrado a esses espaços de privilégio, ainda há marcas lembrando o quanto não parece ser este o meu habitat “natural”, e coercitivamente preciso ir forçando a minha presença. Vejo nesta análise de implicação uma mescla de escritores, em alguns momentos me narro a partir de uma escrita-desabafo, pensando nas trajetórias que me trouxeram até aqui, ao encontro do escritor pesquisador em busca das teorizações, dando conta das cobranças acadêmicas. Esse diálogo se constitui por uma escrita reflexiva mais teórica frente às possibilidades de pesquisar com o corpo em análise, ao passo que trago memórias que foram marcando subjetivamente meu corpo e desenvolvendo o pesquisador atual. Pausa dramática, será que esses encontros são potentes numa pesquisa ou são apenas divagações existenciais? Felizmente é a análise de implicação, então sigo livre.

Prossigo, pois afinal de contas, o que é pesquisar? O Dicio (2020) define esse ato como “Investigar, com a finalidade de descobrir conhecimentos novos. Recolher elementos para o estudo de algo”... Começo a pensar no ato de recolher elementos e como isso tem se produzido nesse espaço acadêmico denominado como Pesquisa, no qual, em muitos casos, infere-se a capacidade de se recolher em si mesmo e olhar distante para o objeto analisado. Felizmente esta não é a única possibilidade de se produzir conhecimento, aliás, é uma prática muito reconhecida a partir de uma postura colonizadora, que recolhe os conhecimentos da dita periferia

---

<sup>5</sup> Cisgênero é a pessoa que se identifica com o gênero que lhe é atribuído ao nascer (REIS, 2018), por exemplo, ao nascer me nomearam como homem e desenvolvi e me identifico como tal.

global e se encolhe em si mesma para afirmar a produção de uma tão preciosa Teoria (CONNELL, 2012).

Enquanto homens, que se dizem universais e atemporais, buscam reafirmar esta posição de Ciência, há por outro lado tantas outras pessoas, em sua maioria territorializadas nas regiões do Sul, concebidas até então como periferia global, estão subvertendo e criticando essa imposição de como fazer ciência, pois ser objeto de estudo não nos satisfaz mais, e é a partir dessa insatisfação que criamos o nosso próprio método de pesquisar, não o que se diz deslocado, mas um capaz de afirmar uma objetividade feminista, ou seja, abandonando a expectativa de transcender do corpo, alcançando a imortalidade, essa objetividade feminista é marcada pela subjetividade, pela limitação temporal e o empreendimento coletivo de produzir verdades que denunciem as opressões estabelecidas socialmente, uma objetividade traduzida por Haraway como Saberes Localizados (HARAWAY, 1995).

Para pensar através desta objetividade feminista é necessário colocar o meu corpo em perspectiva de criação e socialização, para isso é necessário lembrar o passado, mexer em algumas memórias talvez não tão agradáveis, mas certamente necessárias, para fins de respeito e comprometimento com a identidade de algumas pessoas, deixarei a escrita mais nebulosa em alguns momentos, porém sem retirar o que de fato é necessário. Destaco a primeira pelos meus 15 anos, enquanto ajudava a lavar um carro, conversei sobre o fato de ter sido enganado e levado para ficar com algumas gurias, o contexto em si, embora demonstre bem a aplicabilidade do conceito de heterossexualidade compulsória, não é o principal, o que interessa é o questionamento feito: “de que mundo tu és, que não gosta de mulher?”.

Essa pergunta abalou minha subjetividade, pois, afinal, o mundo que ele nomeava era o cisheteronormativo e me colocando como um adolescente masculino, era incapaz de adentrar na lógica que me era imposta. Nesse momento fui questionado, ao tom de muito sofrimento, sobre a minha capacidade de nomear-me um homem heterossexual. Posteriormente essa cena me rendeu um poema (Apêndice 1) com o qual consegui compreender que eu não era capaz de habitar esse mundo representativo sobre o que é um homem hetero. Assim, primeiramente, a identidade “viado” me foi alocada como uma acusação, afinal de contas, qual



adolescente deseja sofrer a homofobia imposta àqueles que recusam a cisheteronormatividade<sup>6</sup>?

Depois de adulto, e aspirante a psicólogo, percebi que as lógicas não são imutáveis e pude subverter a ideia sobre o tal viado, nesse momento, aprendi a nomear e classificar a minha própria concepção de viado, recusei as normativas socialmente impostas sobre o que é, pode, e deseja um viado, e subjetivamente comecei a me portar como o viado que construí, hoje podendo ser o viado que pinta as unhas, é psicólogo, transa com homens, faz palestra, enfim, vivo minhas viadagens da maneira como bem entendo. Compreendendo por fim, que sou ator social e as representações sobre ser viado me atravessam constantemente, mas, ao mesmo tempo, sou apto para atravessar e reescrever outros sentidos para a identidade social que assumo, podendo, inclusive, ter ação direta sobre a vida de outras pessoas. Confesso aqui que meu desejo de fato é poder ser um viado muito legal para que outros viadinhos possam se identificar e questionar a cisheteronormatividade que lhes é imposta.

Através deste ponto de identificação, pude alterar a forma como enxergava o compreendia o mundo, porém, embora um momento marcante, a vida é constituída por várias dessas cenas que às vezes passam despercebidas, mas posteriormente são preenchidas como múltiplos sentidos. Outra lembrança ressoa em mim.

Após minha entrada na graduação em psicologia, fui apresentado ao Neabi, o qual me despertou demais o interesse e por algum período da graduação era um espaço constantemente frequentado. Entre uma ida e vinda, uma professora me para e pergunta: “qual tua descendência?”. Ao meu ver, uma pergunta pouco corriqueira e que na hora não produziu nenhum sentido relevante, só lembro de responder algo como: “não sei, deve ser uma mistura de italianos, portugueses e alemães”. Na hora, a conversa acabou ali e seguimos nossos caminhos, afinal de contas meu corpo branco estava ali já inscrevendo uma possibilidade de identificação e talvez já denunciava alguma descendência, mas anos depois, essa cena ressoava na minha cabeça e fui entender o real significado do questionamento.

O que talvez interessasse ali, não era ter um tataravô alemão ou italiano, o que estava questão era algo além. Afinal de contas, claramente (no sentido de

---

<sup>6</sup> Cisheteronormatividade é uma expressão que busca marcar um padrão social a ser seguido para todos os corpos, sendo eles cisgênero e heterossexuais. É uma das principais bases para a manutenção do preconceito contra pessoas LGBTQIA+ (REIS, 2018)

branco mesmo), meu sangue possui o DNA do colonizador que invadiu o Brasil e causou o genocídio dos povos originários. Porém, não era essa confirmação que ela parecia desejar, o que estava em voga era saber se eu conhecia a história dos meus antepassados e como estava me posicionando frente a ela. Hoje eu mudaria a pergunta e interpretaria de outra forma, podendo ser algo como: “tu sabe que é branco? Além da cor da pele, tu se identifica e se posiciona como branco?”.

Alguns meses ou anos depois dessa cena, entendi as normativas colocadas ao que é ser branco e também que tipo de branco eu quero e posso ser. Fui construindo aos poucos a compreensão de que racismo é coisa de branco e exatamente por isso que é um assunto que fala sobre mim. Pois, que tipo de branco eu quero ser ao pensar no racismo? Aprendi a me posicionar enquanto branco, sabendo uma parte do meu passado, mas também que sou protagonista do meu futuro e tenho implicações sociais que vão marcando a branquitude, torcendo para que cada dia mais perceba os privilégios e para além disso, busque lutar para que eles deixem de (re)produzir desigualdades.

Enquanto escrevo este texto, me deparo com a questão: qual é a extensão do papel desempenhado por essas identidades em nossas vidas? Me aventuro a refletir sobre ela, pois, afinal de contas, é possível definir essa extensão em nossas vidas, ou melhor, há alguma possibilidade de compreender a vida sem olhar para as diversas identidades sociais? Talvez daqui 4 meses, o mestrando que escreve esse texto nesse momento tenha uma resposta melhor, mas, ainda me parece inimaginável pensar na minha vida sem entender a intersecção de tantas diferentes identidades, inclusive, sendo incapaz de defini-las isoladamente, pois foi o terreno de ser homem branco, viado, pobre, bolsista do ProUni, graduando em psicologia que me permitiu criar o mestrando que sou hoje, será que eu seria e me assumiria branco dessa maneira se não fosse viado? Será que me assumiria viado da mesma forma se não fosse branco? Espero em algum momento ter alguma resposta, ou pelo menos, mais perguntas que sigam me ajudando a refletir.

Mas essas inquietações me apontam um caminho: pesquisar é um ato ético-político de se enxergar em relação com o campo e perceber a influência dessa relação para a sociedade, buscando uma oportunidade de transformação para ambos os lados, quem adentra e quem acolhe no processo de pesquisar. Percebendo o campo de disputa social em voga e conseguindo se colocar na afirmação daqueles que estão sendo oprimidos.

## 2.2 ADENTRANDO A PESQUISA

Estas inquietações pessoais tomaram passagem e amplitude ao encontrar o grupo de pesquisadoras coordenadas pela professora Laura Cecilia López, atualmente conhecido como Laboratório de Interseccionalidades, Equidade e Saúde (LabIES). A partir das discussões propostas pelo grupo e com o cenário iminente de pandemia que assola o mundo todo, nasceu o projeto de pesquisa “Equidade de gênero e políticas do cuidado em contexto de pandemia: pesquisa-ação em territórios da cidade de São Leopoldo”, coordenado pela professora Laura Cecilia López, o qual despertou meu interesse a voltar para a academia e ingressar no mestrado em Ciências Sociais, integrando minha proposta de dissertação como uma ramificação do projeto guarda-chuva.

Esta dissertação se propõe a analisar as relações de cuidado comunitário que envolvem as masculinidades no período da pandemia de COVID-19, num território da cidade de São Leopoldo perpassado por desigualdades e violências estruturais, que nos permita visualizar os atravessamentos de gênero, raça e classe.

Para tal, utiliza-se de uma pesquisa qualitativa de abordagem etnográfica. O recorte etnográfico se dá na medida em que a inserção no campo foi tida como essencial para a construção do percurso metodológico, possibilitando a análise sobre estruturas socioculturais e suas articulações comunitárias, conhecendo a realidade ao mesmo tempo em que não há a busca por uma ação vertical, de retirar os conhecimentos sem escutar os atores sociais do campo, pautando-se em um conhecimento construído a partir de observações atentas do pesquisador, que mantém uma postura de abertura e respeito (SILVA, 2012).

Para Caprara e Landim (2008), as pesquisas etnográficas possuem considerável potencial ao subsidiar, inclusive, pesquisas em saúde. As autoras colocam que, dado o enfoque atribuído a grupos culturais e o seu robusto rol de informações, revelou-se como uma abordagem de investigação social atrativa àqueles que têm intuito de estudos qualitativos e colaborativos, logo, distante de uma ideia de suposta neutralidade positivista científica. Assim, também se mostram de forma atrativas a pesquisas psicossociológicas e na Psicologia Social (SOUZA, 2015).

Exige-se, destarte, que essa pesquisa esteja sempre aproximando a teoria da prática/observação, como uma construção que se dá de forma conjunta, instigando

indagações e narrações sobre como a vida se deu naquele determinado momento e naquela determinada comunidade, que serão traduzidas, costumeiramente, em formato escrito, tal como esta dissertação (CAPRARA, LANDIM, 2008). Ainda, há de se haver pressupostos básicos a serem seguidos, como uma crítica ética em sua elaboração e concretização, e a não dissociação do papel investigativo atento do pesquisador:

Apesar das profundas transformações produzidas, o elemento principal que caracteriza ainda hoje a pesquisa etnográfica fundamenta-se na observação cuidadosa das práticas realizadas, em uma contínua tensão entre análise científica e experiência da vida cotidiana (CAPRARA, LANDIM, 2008, p.372).

Complementarmente, de uma forma ampliada, as pesquisas com delineamentos qualitativos buscam, acima de qualquer outra instância, a compreensão dos discursos das pessoas que vivenciam determinada realidade, construindo possibilidades a partir disto. Assim, entendemos que é cabível quando pensamos sobre narrativas de gênero dentro do contexto pesquisado. Ademais, para a construção do processo metodológico foram usados elementos “suleadores”, pois a pesquisa se dará de maneira singular e única através dos encontros entre os diferentes sujeitos que compõem os cenários investigados, porém, entendendo que existem construções teóricas que ajudam no seu desenvolvimento.

Desse modo, é necessário que se construam pesquisas de forma crítica, atentando-se para a relevância social que ela representa, a descrição e análise daquilo que emerge, a reflexão crítica e a relação estabelecida (STRECK, 2016).

A relevância social é um tema fundamental para pensar na produção de pesquisas e conhecimentos dentro do ambiente acadêmico, pois é a partir dela que podemos compreender a ligação entre o desejo do pesquisador em desenvolver sua pesquisa, com sua capacidade de leitura de mundo, conseguindo olhar para um espaço que precisa de investigação. Para demarcar essa relação, o autor traz o conceito de “realidade potenciável”, pois ele marca que “o conhecimento e a produção de conhecimento não se dão em espaços isentos de interesses e fora das relações e conflitos de poder” (STRECK, 2016, p. 539), ou seja, ao olharmos para essa dissertação percebemos que pesquisar as masculinidades no contexto de pandemia se dá por interesses individuais e coletivos intrinsecamente ligados ao cenário social vivenciado no momento da sua produção. Há um desejo político por visibilizar as masculinidades, apontando suas construções e abrindo brechas para

novas interpretações e desenvolvimento de novos modos de expressar as masculinidades, esse desejo não é único e singular, mas um anseio de uma parte da sociedade que clama por transformações.

“Essa potencialidade está vinculada ao conhecimento do contexto social e histórico no qual se constrói o sentido do problema. A pesquisa, assim entendida, coloca-se junto com o movimento da sociedade para potenciar determinados processos sociais” (STRECK, 2016, p. 539)

Desta forma, entende-se a própria pesquisa como um movimento político e social, capaz de abrir ou fechar possibilidades de leitura do mundo e de transformação social. Para que haja uma leitura da “realidade potenciável” é necessária a “sensibilidade teórica”, ou seja, a capacidade de entender quais as ferramentas teóricas disponíveis para a construção da pesquisa, assim como a opção por suas utilizações ou criação de novas ferramentas (STRECK, 2016). De acordo com Adams (2007, p. 73) “Os métodos não são únicos, não são exclusivos e nem sequer são sempre os mais adequados a qualquer situação”. Essa escolha ocorre na percepção de uma “forma de fazer ciência”, ou seja, construir essa pesquisa através de discussões teóricas e metodológicas pautadas principalmente a partir do “Sul Global” é demarcar o desejo consciente de que há outras formas de discutir masculinidades na pandemia, entendendo inclusive que outras pesquisadoras já o estão fazendo, mas também é afirmar a postura assumida em detrimento de outras e a necessidade no diálogo das diferentes maneiras de produzir conhecimento.

Streck (2016) marca a “densidade descritiva e interpretativa” como um ponto chave para que a pesquisa possa desenvolver uma boa relevância social, pois é a partir da capacidade do autor de sintetizar e condensar as experiências vivencias numa maneira que as futuras leitoras consigam compreender o que está sendo redigido, dando espaço para apresentar os contextos sociais, as intencionalidades e histórias por trás das narrativas. Outro ponto importante é a de que a produção de conhecimento não ocorre através de uma simples captação do que está ocorrendo, mas ela é produzida a partir da relação entre quem está pesquisando e os sujeitos que compõem os cenários de pesquisa, sendo que “é no movimento entre os diferentes sujeitos, tornado objeto de reflexão, que se gera o conhecimento que o autor capta e traduz” (STRECK, 2016, p. 541).

Já a reflexividade coloca como sendo essencial que todos os processos da pesquisa estejam embasados em reflexões críticas. Streck (2016) aponta dois espaços importantes para o desenvolvimento da reflexividade, o primeiro no momento de olhar para a pesquisa e seus caminhos, sendo a “práxis” fundamental para desempenhar o pensamento crítico tanto nos sujeitos que compõem os campos de pesquisa, quanto no processo de desenvolvimento teórico e suas discussões com as informações que vão sendo obtidas e sua transformação em conhecimento. O autor aponta para a importância da percepção do pesquisador frente aos seus posicionamentos durante toda a pesquisa, compreendendo como ele se coloca e se percebe frente aos outros sujeitos da pesquisa e ao processo de pesquisar, indo de encontro com a discussão sobre neutralidade pautada por Passos e Barros (2014, p. 20-21), pois “Não há neutralidade do conhecimento, pois toda pesquisa intervém sobre a realidade mais do que apenas a representa ou constata em um discurso cioso das evidências”, dessa forma é fundamental que o pesquisador compreenda como sua posição de mundo vai estar constantemente influenciando em todo o processo da pesquisa.

Demarcando que essa posição não é neutra e está em jogo a todo o momento, Streck (2016) pauta a importância da “qualidade da relação entre os sujeitos”, pois é a partir dessa relação que será produzido o conhecimento e desenvolvido todo o trabalho de campo, essa relação precisa do desenvolvimento da confiança mútua, pois somente assim os sujeitos da pesquisa estarão abertos para deixarem o pesquisador adentrar ao campo de maneira livre e conhecer a realidade de vida deles, já na posição de pesquisador se faz necessária a “abertura empática para sentir e perceber coisas que talvez contradigam minhas crenças e pressupostos” (STRECK, 2016, p. 543), essa confiança possibilitará que a pesquisa possa se construir a partir das trocas entre o pesquisador e os demais sujeitos que constroem o campo de pesquisa, abrindo espaço para as descobertas do campo, marcando o conhecimento como algo que surge a partir da junção das diferentes subjetividades, não sendo apenas uma confirmação de premissas pré-estabelecidas, como aponta Kastrup (2014, p. 32), a pesquisa pretende “[...] acompanhar um processo, e não representar um objeto”. Isto dialoga diretamente com aquilo pontuado por Silva (2012), pois, para a autora, a etnografia se dá no campo e no contato com os sujeitos em suas singularidades, relacionando-se diretamente esta

relação com os signos interpretativos (sentido das coisas), e despertando no pesquisador um olhar denso e reflexivo.

### **2.2.1 A METODOLOGIA ATRAVÉS DO DIALÓGO NORTE E SUL**

Este trabalho busca trabalhar as masculinidades e as relações de cuidado através de um diálogo entre autoras(es) do “Norte” e do “Sul”, entendendo que ambas possuem contribuições importantes, mas também apresentam limitações que precisam ser levadas em conta. Algumas autoras do Norte ajudam a compreender as masculinidades relacionadas com a construção de gênero, pois, de acordo com Simone de Beauvoir “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, também entendo que ninguém nasce homem, mas torna-se homem. Badinter (1993) ajuda a compreender, colocando o homem como um “artefato”, um ser que precisa ser fabricado e reafirmado constantemente. Em contrapartida, os estudos a partir do Sul ajudarão a localizar onde a pesquisa está sendo realizada, analisando como são construídas as masculinidades através de uma perspectiva do Sul. Connell (2016, p. 29) destaca “Os debates sobre o pensamento descolonial e o conhecimento local [indigenous], embora raramente deem conta das questões de gênero, são vitais para as análises de gênero”. Outra contribuição importante é colocar em análise também as questões econômicas e regionais que constituem as relações de gênero, já que, “O gênero não está separado e guardado num armário próprio. Está, sim, embrenhado nas mutantes estruturas de poder e reviravoltas econômicas...” (CONNELL, 2016, p. 33)

Em suma, o Norte consegue se debruçar sobre as questões de gênero e aprofundar as discussões sobre sua produção e normatização, deslocando o conceito de gênero de uma naturalização biológica. Já o Sul tece uma crítica sobre o local da produção destes conhecimentos, compreendendo que há importantes diferenciações entre sujeitos de países colonizadores e colonizados, afirmando a produção de conhecimento do segundo e garantindo que a análise seja realizada a partir destes, fugindo da importação de conhecimento. Como alerta Connell (2016, p.28) “Textos que vêm da metrópole sobre gênero são traduzidos e lidos aqui, e tratados como autoridades que constituem a disciplina”. A intenção não é descartar os conhecimentos produzidos no Norte, mas sim, quando lidos, realizar uma contextualização para as realidades vividas em países do Sul.

Estas contextualizações são necessárias porque a produção de conhecimento ainda é focada nas metrópoles globais, criando conceitos a partir dos humanos que habitam estes meios, porém há que se ressaltar que a maioria da população não pertence a estes locais, sendo assim impossível apenas traduzir e aplicar estes conhecimentos em áreas com humanos distintos, lembrando que “A metrópole global é uma exceção e não a norma” (CONNELL, 2016, p. 31). Ou seja, conhecimento precisa ser produzido e reconhecido de diferentes olhares e lugares, compreendendo as singulares dos sujeitos de cada localidade. É importante ampliar o olhar para o contexto em que os homens estão inseridos, entendendo que as produções de masculinidades se relacionam com questões econômicas, sociais e históricas. Dialogar entre estas teorias críticas é possibilitar um outro lugar na produção de conhecimento, um saber localizado que é capaz de dialogar entre Norte e Sul, condensado nos conhecimentos que eu produzo enquanto dialogo com estas teorias, autoras e autores. Haraway (1995, p. 16) reafirma esse posicionamento ao ponderar que “Precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro”.

### **2.2.2 O DESENVOLVIMENTO DO CAMPO**

Neste subcapítulo apresento a inserção no campo e os passos de desenvolvimento da pesquisa, detalhando o que já aconteceu e o que será construído posteriormente. Como o projeto guarda-chuva é uma pesquisa-ação, ele teve sua execução iniciada no segundo semestre de 2020. O primeiro passo foi a convocação das pesquisadoras integrantes do grupo de pesquisa, junto com coletivos atuantes no Município e lideranças comunitárias, nesse encontro foi apresentada a divisão territorial de São Leopoldo (Anexo 1), com o propósito de demarcar os principais bairros e verificar qual seria o melhor campo para a inserção do projeto. Optou-se então pelo bairro Feitoria, entendendo que este é o maior bairro do município, com uma população total de 36,808 mil moradores, e também por, no momento da pesquisa, ser o bairro com o maior número de casos e óbitos de covid-19 (Anexo 2).

O território do atual bairro Feitoria é marcado pela história da população negra, partindo principalmente a partir da criação, em 1788, da Casa Feitoria, atual



Museu do Imigrante, construída pelo Governo Imperial para servir como sede da Real Feitoria do Linho Cãnhamo, habitada pela população africana que foi escravizada para a fabricação de linho e cordas para navios. A Casa da Feitoria esteve em funcionamento até 1824, desativada meses antes da chegada dos imigrantes alemães, foi utilizada para abrir os primeiros imigrantes germânicos que chegaram em São Leopoldo, de casa da Feitoria ela passou a ser reconhecida como Casa do Imigrante (SCHNEIDER e SELAU, 2021). A mudança representou uma tentativa de apagamento histórico do local, tirando o passado escravocrata presente na região, enfatizando apenas a herança “germânica” do local, essa contextualização se faz importante para demarcar que o racismo esteve intrinsecamente ligado com a construção histórica de São Leopoldo, principalmente do bairro Feitoria, constituindo um sentimento de pertencimento branco e apagamento da população negra que esteve e segue presente na cidade. Essa falta de história negra e hipervalorização branca constitui materialmente o território e a subjetividade das pessoas, reafirmando o racismo velado vivenciado no Brasil.

O bairro possui várias microrregiões que compõem realidades distintas, percebemos a necessidade de afunilar ainda mais a demarcação territorial, desta forma, o foco foi construir a discussão junto com trabalhadoras e usuárias da Estratégia de Saúde da Família (ESF) Cohab Feitoria, pois este também é um campo de inserção da Residência Multiprofissional em Saúde da Unisinos e apresenta um importante espaço de inserção de cuidados em saúde na comunidade. Após essa demarcação e pela impossibilidade de adentrarmos o campo de maneira presencial, devido à pandemia de COVID-19, no primeiro semestre de 2021, realizamos uma entrevista por videochamada com uma liderança comunitária que nos ajudou a remontar a história do bairro Feitoria e compreender como acontecem os movimentos dos moradores dentro do território, ela também apontou as diferentes formas de existir a partir do marcador racial, mostrando que os espaços mais elitizados ainda pertencem aos brancos e o acesso aos serviços de saúde também possui uma diferença significativa. Também foram realizadas entrevistas com uma dupla de residentes no segundo semestre de 2020 e no primeiro semestre de 2021 foi realizada outra entrevista com um residente e uma profissional da ESF, constatando importantes nuances entre as perspectivas das duas duplas, pois na primeira foram apontadas questões de gênero que estiveram inviabilizadas na segunda. Essas duas entrevistas ajudam a compreender como o

território é orgânico e muda significativamente a partir das diferentes equipes e perspectivas presentes no local.

A partir do conhecimento amplo do bairro e dos serviços de cuidado e saúde que integram o campo, minha dissertação derivou para a análise das relações de cuidado comunitário dos homens, construídas a partir da ESF. Para isso é realizada uma análise da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH), entendendo como os homens são vislumbrados de forma social e como o governo está criando brechas para o desenvolvimento dos espaços de cuidado para eles. A inserção na ESF serviu para ir além da visão macrossocial, construindo a análise do cuidado a partir da vivência dos profissionais que ocupam os espaços de cuidados e entendendo também como eles próprios constituem suas relações de cuidado individuais e em relação com o serviço.

Na dissertação serão analisadas as entrevistas realizadas com cinco participantes<sup>7</sup> que transitam/ram pelo campo, integrando em algum momento a equipe da ESF, todos eles se identificaram como homens cisgêneros<sup>8</sup>, possuindo idades entre 25 e 34 anos, dando um contorno para os corpos que dialogarão durante a dissertação. As primeiras duas entrevistas foram realizadas no mesmo dia, com Douglas e Jonas, agentes comunitários de saúde, na própria ESF, sendo feitas separadas, nela contei com a participação da Natália<sup>9</sup>. A terceira entrevista também foi realizada em dupla com a Natália, em que foi entrevistado Marcos, fisioterapeuta e integrante da Residência Multiprofissional em Atenção Básica, a entrevista também ocorreu de forma presencial no espaço da ESF. A quarta entrevista foi realizada com Igor, enfermeiro do serviço, sendo realizada na ESF com a participação da Laura<sup>10</sup>, Natália e Sabrina<sup>11</sup>. A última entrevista foi realizada com Pedro, graduando em medicina, que realizou o internato/estágio obrigatório na área de medicina de família e comunidade na ESF, a entrevista foi online, pelo aplicativo Teams, com a participação da Natália e Larissa<sup>12</sup>. Todas foram entrevistas semiestruturadas (APÊNDICE 2, 3, 4 e 5), preparadas anteriormente pela equipe que iria conduzir o encontro, com o intuito de dialogar entre as práticas

---

<sup>7</sup> Para a garantia do anonimato, todos os nomes são fictícios.

<sup>8</sup> Embora não seja o foco desta dissertação, é fundamental marcar a invisibilidade de homens trans no espaço de trabalho profissional, sendo uma das principais marcas sociais que produz desigualdade entre os homens.

<sup>9</sup> Graduanda em Psicologia e bolsista de Iniciação Científica no PPG em Saúde Coletiva.

<sup>10</sup> Orientadora da dissertação e professora dos PPG em Saúde Coletiva e Ciências Sociais.

<sup>11</sup> Graduanda em Ciências Sociais e bolsista de Iniciação Científica no PPG em Saúde Coletiva.

<sup>12</sup> Graduanda em Fisioterapia e bolsista de Iniciação Científica no PPG em Saúde Coletiva.

apresentadas pelos atores do campo e o papel institucional estabelecido com a PNAISH e a ESF.

O primeiro entrevistado foi Jonas, ele é heterossexual e branco. Ele contou que atualmente é um dos agentes comunitários mais antigos, completando 6 anos de atuação. Ressaltou que começou sua vida profissional na área da saúde, depois virou militar e atuou um tempo na área industrial, conseguindo retornar para a saúde através do trabalho como ACS. Nesse processo, percebeu que o serviço militar o deixou extremamente rígido e fechado, dificultando inclusive no seu início do trabalho como ACS. Afirma que com o tempo, conseguiu voltar a ter carisma e ser mais acolhedor com todas as pessoas, sendo reconhecido no serviço por estar sempre com bom humor.

Douglas foi o segundo entrevistado também é agente comunitário de saúde da ESF e se identifica como heterossexual. Em relação à raça<sup>13</sup>, disse ainda estar no seu cadastro como branco, porém, que a partir de uma formação continuada sobre preenchimento do campo raça nos formulários de cadastramento do SUS, começou a se questionar, porém, ainda sendo uma ponderação inicial, à qual não possui uma resposta definitiva. Douglas contou que sempre esteve muito próximo da área da saúde, pois, quando ainda era criança, seu irmão teve leucemia e faleceu, acompanhando-o em diversos hospitais e desde muito cedo se identificando com estes espaços de cuidado. Afirmou se identificar muito com o atual trabalho e sentir muito prazer quando consegue ajudar, os moradores da comunidade, no encaminhamento de alguma demanda de saúde. Quando o questionamos sobre o trabalho em relação à diversidade de gênero e sexualidade, pediu se poderia chamar Pedro, graduando em medicina, pois sentia dificuldades no assunto e que sempre o buscava quando tinha dúvidas. A partir desta conversa, decidimos então marcar também uma entrevista com Pedro, de forma individual.

A terceira entrevista foi realizada com Marcos, homem heterossexual e branco. Ele é fisioterapeuta e teve sua inserção na ESF através da Residência Multiprofissional em Atenção Básica, na qual esteve participando durante todo o primeiro ano. Foi personagem fundamental na construção da pesquisa, pois realizou o acolhimento inicial das pesquisadoras na ESF, também realizou a ponte de diálogo

---

<sup>13</sup> Embora buscamos uma diversidade de masculinidades no campo, Douglas foi o único que não se identificou como branco e Pedro o único homem gay. Percebendo que há poucos homens ocupando os espaços de trabalho, e os que ocupam, ainda são em sua maioria brancos, heterossexuais e jovens, havendo uma lacuna nas representações de outras masculinidades.

com as profissionais, facilitando na criação de vínculo e desenvolvimento das entrevistas. Embora Marcos representasse para um serviço um importante papel de cuidado, durante a entrevista se mostrou surpreso com as perguntas, afirmando não ter muitos momentos em sua vida, no qual refletisse sobre como expressa os cuidados com os demais. Também trouxe muitas lembranças de infância, nas quais majoritariamente eram as mulheres que se faziam presentes, constituindo suas referências de como se relacionar com o mundo. Outro ponto importante foi a relação com o irmão, ao perceber que este tem muitas dificuldades em nomear sua sexualidade para a família em decorrência do cenário político conservador, causando muita angústia em Marcos, por não saber como lhe ajudar.

Igor foi nosso quarto entrevistado, sendo branco e heterossexual. Trabalha há 2 anos na ESF como enfermeiro, sendo seu primeiro trabalho na atenção primária em saúde. Também é o primeiro contato dele com a comunidade da Cohab Feitoria, pois mora em cidade vizinha e não costuma transitar pelo território. Embora esteja no campo há 2 anos, confessa não conseguir conhecer a comunidade de maneira ampla, pois sua atuação acaba sendo focada nos atendimentos dentro do consultório, tendo pouco contato com a população que não busca seus atendimentos de forma direta. Afirma ter tido vontade de caminhar pelas ruas do bairro, ou de fazer visitas domiciliares junto com as ACS, porém, tem muita demanda de atendimentos e implicaria no desamparo daqueles que buscam seus atendimentos.

A última entrevista foi realizada com Pedro, homem gay e branco. Graduando em medicina, ele esteve durante um semestre na ESF para realizar o internato na área de medicina de família e comunidade, contando que embora tenha sido uma experiência muito rica, acabou considerando pouco tempo para conhecer o contexto da comunidade de maneira ampla<sup>14</sup>. Apesar disso, percebeu uma população muito diversa, tendo seus primeiros atendimentos com pessoas trans e um grande acesso de pessoas negras. Percebendo assim uma dissonância entre a população geralmente estudada na academia (cisgênero, branca e heterossexual) e a realidade apresentada pelo SUS. Ressaltou o fato de ser o único homem a se posicionar como LGBTQIA+ na equipe, fazendo com que sempre que houvesse uma discussão sobre gênero ou sexualidade, ele era colocado como referência e convocado para assumir

---

<sup>14</sup> Característica de todos os estágios obrigatórios com duração de apenas 1 semestre.

as discussões, embora ele afirme que goste de dialogar sobre as temáticas, gostaria que fossem assuntos amplamente compreendidos por toda a equipe e que não caísse sobre ele esta obrigação, ainda mais estando no ambiente como um estudante.

Desde o segundo semestre de 2021 viemos realizando atividades de campo presenciais na ESF, transitando por vários espaços e dinâmicas, como as reuniões de equipe, as reuniões mais restritas das/os agentes comunitárias/os de saúde, os grupos de convivência, para além de conversas informais e contatos com algumas pessoas da equipe por via de whatsapp. Estes momentos nos permitiram ir tecendo vínculos com as pessoas em campo, sendo espaços de diálogo para além do estrito senso da pesquisa. Um exemplo muito rico foi a solicitação de uma formação em gênero e sexualidade para toda a equipe da ESF, com o intuito de contribuir para a produção de cuidado mais sensível e aberta à diversidade de existências.

### 3 DEMARCANDO O ESPAÇO DISCURSIVO

Nesta dissertação, assumo uma perspectiva de gênero relacional, seguindo a Raewyn Connell (2013, 2016), que propõe pensar as construções de feminilidades e masculinidades numa trama social complexa, que considera processos históricos constituintes.

O conceito de gênero vem sendo utilizado na construção das políticas públicas, principalmente as de saúde. Connell (2013) aponta que a partir de 2005 a Organização Mundial de Saúde (OMS) colocou o tema “gênero” como um determinante estrutural na produção das inequidades sociais, sendo um deles as desigualdades no acesso aos sistemas de saúde e na produção do bem-estar social. Ao olharmos para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), encontramos o 5º objetivo como “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas” (ODS, 2021). É indiscutível a relevância desse objetivo para o desenvolvimento mundial, porém, Connell ressalva que “Documentos de política sobre gênero usualmente toman a mujeres y hombres como categorías fijas y sin necesidad de cuestionamiento” (CONNELL, 2013, p. 64). Engessar esses conceitos vai contra a própria compreensão sobre o que é gênero, pois ao tomá-lo como uma construção histórica e social, entende-se que é produzido através da criação e transformação constante dos corpos, dialogando com as representações das masculinidades, feminilidades e outras possibilidades que fogem da norma binária (CONNELL, 2016).

Com o 5º objetivo temos um exemplo dessa categorização do gênero de maneira isolada, pois buscar a igualdade é colocada como uma função social das mulheres, porém, ao pensar de maneira relacional, entendemos que essa desigualdade também se materializa através dos privilégios que os homens tomam para si. Desta forma, essa discussão atravessa tanto homens quanto mulheres e precisa ser construída de maneira conjunta, empoderando as mulheres e conscientizando os homens. Outro ponto importante é que além da compreensão relacional existente entre as diferentes formas de expressar os gêneros, também é relevante trazer as diferentes dinâmicas que se associam na construção dos corpos e subjetividades,

“El pensamiento categórico se puede hacer más sofisticado mediante el entrecruzamiento de las categorías de género con categorías como raza, clase social, edad, entre otras. Este acercamiento ha sido llamado interseccionalidad desde el trabajo de Crenshaw (1991). Infortunadamente, mucha de la literatura sobre “interseccionalidad” simplemente combina un acercamiento categorial a una dimensión de diferencia con un acercamiento categorial a otra” (CONNELL, 2013, p. 64).

O conceito de interseccionalidade nos ajuda a pensar além da lógica categorial, pois não basta juntar diferentes categorias, é preciso entendê-las como integradas nos sujeitos. Embora teoricamente haja a separação dos diferentes marcadores sociais para realizar discussões aprofundadas, na prática o que vemos são corpos e subjetividades constituídos de múltiplas formas e impossibilitados de serem dissociados. Por exemplo, o homem nunca será apenas homem, ele juntará em si categorias de raça, classe social, sexualidade, idade, entre outras, e é a forma como ele se relaciona consigo mesmo e com o sistema social que o circunda que construirá sua identificação no mundo. Hall (2014a, p.12) afirma que “Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”. Ou seja, somos sujeitos que vivenciam situações de privilégio e imposições sociais e a interseccionalidade nos ajuda a discutir essas diferentes posições sociais que precisam ser visibilizadas, pois o pensamento categórico minimiza tanto as diferentes formas de expressão dentro de uma própria categoria, quanto a importância de compreendê-las em constantes relações com as diferentes categorias que se atravessam na construção dos sujeitos (CONNELL, 2013).

A partir das restrições e limitações do pensamento categorial, Connell sugere a teoria relacional como uma melhor opção, pois o gênero é compreendido como “algo que conecta al mismo tiempo las relaciones económicas, afectivas, simbólicas y de poder, y opera de manera simultánea em los niveles intrapersonales, interpersonales, institucionales y de la sociedad en general” (CONNELL, 2013, p. 66). Desestabiliza-se a noção de que gênero é algo fixo e imutável, além de visibilizar as transformações no conceito de gênero de forma simultânea em todos os níveis que atravessam o sujeito. Também coloca todos esses níveis em relação, entendendo que tanto o sujeito estará continuamente transformando o contexto em que vive, mas também que as diferentes condições sociais abrem espaços para

limitadas possibilidades de representação, sendo que as subjetividades precisam ser pensadas e compreendidas através do contexto em que está inserido cada sujeito<sup>15</sup>.

Connell (2016), nos alerta para o fato de que as teorias de gênero se veem descontextualizadas do espaço próprio de produção, segundo ela “o que as teorias de gênero ainda não compreenderam bem é que as dinâmicas de gênero tomam formas específicas em contextos coloniais e pós-coloniais” (CONNELL, 2016, p. 31), ou seja, é de suma importância que haja uma discussão crítica sobre como as discussões acerca da temática gênero são produzidas pelas sociedades com história colonial, pois não basta importar o conhecimento e aplicá-lo solto nas vidas dos sujeitos pertencentes ao Sul Global, pois como a autora diz “a metrópole global é uma exceção” (CONNELL, 2016, p. 31). Essa posição crítica não pode ser confundida com uma rechaça indiscriminada com as teorias do Norte Global, mas é necessário que haja uma valorização dos conhecimentos produzidos a partir daqui e se mantenha uma posição de conversa aberta entre os diferentes espaços de construção de conhecimento, entendendo que as diferenças existentes entre os territórios pode ser um fator de potência e reflexão ativa para ambas as partes. Desta forma, o conceito de gênero é compreendido a partir de uma construção histórica e social, no qual o biológico e o simbólico dialogam com as estruturas de poder presentes em cada cultura, o corpo serve de palco para os diferentes ensaios de gênero, através de uma incansável disputa entre diferentes discursos que buscam nomear suas possibilidades. Ele é transmutado constantemente a partir dos diferentes atravessamentos que buscam delimitá-lo ou ampliá-lo, sendo sua materialidade percebida em contextos microssociais, através de brincadeiras infantis, relações interpessoais, experimentações de sexualidades, mas também em contextos macrossociais, como o desenvolvimento de religiões, sistemas prisionais e educacionais (CONNELL, 2016).

Colocar gênero como uma categoria inata e intrínseca à vida humana também é uma forma de produzir uma dominação subjetiva, sendo necessário questionar a criação das categorias que baseiam as relações pessoais e interpessoais, visibilizando as naturalizações que foram sendo constituídas ao longo da construção histórica da humanidade. Outro risco iminente nessa naturalização é a presença da

---

<sup>15</sup> Exemplo, uma compreensão sobre o que é ser homem na Europa não dará conta de explicar as masculinidades vivenciadas no Rio Grande do Sul. Embora alguns países europeus tenham invadido e tentado destruir a cultura existente na América Latina pré-colonial, impondo suas culturas e visões de mundo, houveram transformações sociais ao longo do tempo que diferenciaram ambos territórios.



cisheteronormatividade, pois quando pensam nessa construção de gênero, atrelam corpos generificados de maneira polarizada, mas necessariamente construindo-os no ideal de um desejar ao outro, reafirmando a ideia cristã de sexualidade como ferramenta necessária para a procriação e constituição de descendentes. O que é errôneo tanto na premissa de utilizar o sexo heterossexual para constituir família, quanto enclausurar todas as outras formas de expressar a sexualidade humana. Somente partindo de um olhar fundado na desnaturalização dos conceitos presentes na matriz colonial do poder, e compreendendo que nenhuma das marcas presentes nela é construída de maneira isolada, é que podemos avançar na sua destituição e construção de relações sociais baseadas na equidade.

É importante marcar assim que as normas de gênero que vivenciamos são construídas ao longo do tempo e foram sendo enviesadas, inclusive marcando que o próprio conceito de teoria de gênero é uma construção do Norte Global<sup>16</sup>, conceituando que “teoria é o trabalho que o centro faz” (CONNELL, 2012, p. 9), ou pelo menos, é o que o centro/norte quer dizer que faz, relegando ao Sul como o espaço de coleta de conhecimento, em que a vida é estudada e serve para análise, porém, ao realizar essas pesquisas “suas imaginações teóricas não incorporam o colonialismo como um processo social significativo” (CONNELL, 2012, p. 10), se ausentando da responsabilidade de terem invadido e investido seus conhecimentos no corpo dos demais. A autora traz uma solução para essa importação direta de conhecimento, já que “caso esse trabalho seja feito em outros lugares, o centro será fatalmente (re)localizado” (CONNELL, 2012, p. 10), demonstrando a importância da afirmação do conhecimento que é produzido pela “periferia”, capacitando aqueles que antes eram colocados como objetos, como os produtores de suas próprias verdades.

Compreender o discurso do colonialismo e a construção da “matriz colonial do poder” é de extrema importância para o entendimento da construção da “norma” e também dos seres desviantes dela. É necessário demarcar que a matriz colonial do poder foi originalmente construída por Quijano, sendo “descrita através de quatro domínios relacionados: controle da economia, da autoridade, do gênero e da sexualidade, e do conhecimento e da subjetividade” (MIGNOLO, 2011, p. 8,

---

<sup>16</sup> Algumas autoras como Raewyn Connell, fazem a demarcação do Norte (Europa e América do Norte) e Sul Global (África, América Central e do Sul e Ásia), entendendo que mais do que uma demarcação geográfica, diz respeito a um espaço econômico, sendo o Norte visto como metrópole enquanto o Sul é colocado como periferia.

tradução própria). É essa matriz quem vai referenciar e controlar os modos de se relacionar na sociedade, sempre pautada por um modelo de ser humano construído a partir do eurocentrismo.

Embora a discussão pautada por Quijano e Mignolo ajude a compreender as formas como o colonialismo resiste e se atualiza, ainda há muitas brechas a serem exploradas na matriz, complexificando ainda mais sua construção e a manutenção de modos de existir que fugiram da visão dos autores citados acima. Lugones (2008), reafirma a importância da construção teórica da matriz colonial do poder, porém adverte para algumas limitações presentes nela, pois a suposição de Quijano pressupõe uma compreensão patriarcal e heterossexual das disputas pelos controles das produções de sexo, gênero e sexualidade, invisibilizando historicamente todas as outras forças que questionaram essa maneira de pensar, aceitando que as produções de gênero só podem ser realizadas através de uma lógica eurocentrada e capitalista.

A própria noção de gênero empreendida por Quijano é questionada, pois embora o conceito esteja entrelaçado com o conceito de raça, ele ainda é colocado como um produto do conceito de sexo, estreitando gênero numa lógica biologizada, reiterando assim a própria lógica patriarcal que ele questiona. Outro ponto importante é a necessidade iminente da organização das relações sociais ser realizada a partir de uma base sexual e/ou de gênero, dando importância para os momentos históricos em que houve um rompimento com esta lógica.

Oyewùmi entiende el género, introducido por Occidente, como una herramienta de dominación que designa dos categorías sociales que se oponen en forma binaria y jerárquica. «Mujeres» (el término de género) no se define a través de la biología, aún cuando sea asignado a las anahembras. La asociación colonial entre anatomía y género es parte de la oposición binaria y jerárquica, central a la dominación de las anahembras introducida por la colonia. Las mujeres son definidas en relación a los hombres, la norma. Las mujeres son aquellas que no poseen un pene; no tienen poder; no pueden participar en la arena pública (OYEWÙMI, 1997 apud LUGONES, p. 87, 2008).

Desta forma, gênero sempre foi uma das principais ferramentas de controle dos corpos colonizados, sendo imprescindível sua demarcação e discussão para a compreensão das formas como os sujeitos existem e se relacionam na contemporaneidade. Gênero é uma construção histórica e social, porém não natural

e inata, sofrendo constantes transformações a partir dos movimentos políticos e sociais, deve ser entendido como um dispositivo de experimentação e construção subjetiva que pode ser transformado e refeito a partir dos atravessamentos históricos e também das formas como os sujeitos se relacionam cotidianamente.

### 3.1 TRILHANDO A COLONIALIDADE

Demarco o colonialismo como o processo no qual a Europa decidiu expandir-se, tanto territorialmente, como levando a outros cantos do mundo a sua forma de empreender a vida. Como demarca Césaire (2010), essa expansão não ocorreu de maneira pacífica e amistosa, pelo contrário, foi marcada por séculos de violência, extinção de centenas de culturas e a busca por uma homogeneização na maneira de experimentar o mundo, pois

“na colonização o gesto decisivo é o de aventureiro e o do pirata, o do mercador e do armador, do caçador de ouro e do comerciante, o do apetite e da força, com a maléfica sombra projetada por trás por uma forma de civilização que em um momento de sua história se sente obrigada, endogenamente, a estender a concorrência de suas economias antagônicas à escala mundial” (CÉSAIRE, 2010, p. 17)

Ela foi subsidiada a partir de um pensamento religioso binário, colocando a civilização europeia cristã como um sinônimo de civilização, relegando ao paganismo a ideia de selvageria, necessitando de retenção e aprendizagem através do ato colonial. É a partir desse ideal de civilização que várias atrocidades são permitidas e validadas, pois compreendeu-se que esse extermínio seria a forma eficaz de salvar os humanos das selvagerias e introduzi-los em contexto civilizatório. Essa transformação não ocorre de maneira inocente e baseada apenas num ideal de expansão da cultura e salvação, mas é completamente introjetada pela barbárie e desejo de conquista (CÉSAIRE, 2010).

Para a colonização ser alcançada, foi necessário transformar a subjetividade dos colonizadores, destituindo-os da civilidade e do respeito ao próximo e instigando-os o relativismo moral, a violência, o ódio racial (CÉSAIRE, 2010) e como veremos posteriormente, pela reafirmação de lógicas patriarcais que atrelaram o ideal de humanidade ao homem cisgênero, branco, europeu e heterossexual. Essa transformação parte do pressuposto de “coisificação”, tirando a humanidade do ser

colonizado e colocando-o como um sub-humano, ao simbolizar o outro de tal forma, paralelamente há a mudança da própria subjetividade do colonizador, embrutecendo-o para que tais violências possam ser justificadas em nome da expansão colonial, ela “transforma o homem colonizador em vigilante, em suboficial, em feitor, em anteparo, e ao nativo em instrumento de produção” (CÉSAIRE, 2010, p. 31).

Essa mudança de subjetividade vai para além da construção do colonizador, atravessando e constituindo a subjetividade do colonizado, pois ao ser coisificado é incrustado a ideia de não ser retentor dos direitos humanitários, construindo uma subjetividade dependente do olhar do outro para ser valorizada e aceita (CÉSAIRE, 2010). Ao longo de séculos foi criado no colonizador o modelo de ser humano e imposto ao colonizado que busque esse ideal de existência, identificando-se e qualificando-se a partir da idealização do colonizador, sendo esse papel sempre polarizado, como o colonizador possuindo todas as qualidades inerentes para assumir o controle das relações globais e o colonizado como passível de espelhamento e se referenciando através do outro.

Essa polarização constitui um mundo binário, inicialmente sendo entendido como o mundo dos colonizadores e dos colonizados, mas que ao longo da história foi se desdobrando em diversas outras binarizações e demarcações de quem ocupa a norma e quem é o ser desviante, podemos apontar para relações macrossociais como metrópole-colônia, mas também para relações microssociais como colonizador-colonizado, homem-mulher, cisgênero-transgênero, branco-negro, entre tantas outras. As disparidades construídas nos sistemas microssociais são aplicadas para todos os âmbitos, mas são vivenciadas de maneiras diferentes dependendo da localização macrossocial.

“O mundo colonial é um mundo congenitamente cindido, e a separação entre os polos é mantida pela força das armas (FANON, 2010). Diferentemente do que ocorre na metrópole, onde a exploração econômica dos trabalhadores é mascarada pelas pretensas ideias de unidade nacional, superioridade racial ou até mesmo democracia, nas colônias a dominação não pode ser disfarçada e se expressa de maneira irrestrita, inviabilizando qualquer movimentação política que se aproxime de uma sociedade civil. Diante da situação colonial, a violência dispensa a necessidade de legitimação, já que o Outro – que não é mais visto nem tratado como extensão do meu eu, apenas um outro coisificado e “inessencial” – só aparece como

predicado dos desejos e gozo do colonizador” (FAUSTINO, p. 152, 2018).

Conceituar a relação entre colonizador e colonizado se faz fundamental pois a partir dela podemos expandir e compreender futuras relações entre sujeitos que querem se dizer hegemônicos e representantes da norma com aqueles marginalizados e estigmatizados à sub-representação. Como aponta Viveros Vigoya (2021), Césaire foi um autor que embora tenha apresentado uma postura machista ao não credibilizar mulheres que escreveram junto com ele e foram de fundamental importância para o seu reconhecimento teórico, ele teve papel protagonista ao questionar os pressupostos epistemológicos do universalismo ocidental, abrindo rasgos e produzindo conhecimento através de um corpo que não era, e não queria ser, universalizado, demonstrando a potência dos pesquisadores que vivem à margem do centro da produção científica. A partir de sua trajetória e forma de escrever, é possível impulsionar que outras autoras e autores possam ampliar suas formas de escrever e descrever a realidade, percebendo que olhar através de corpos de mulheres, LGBTQIA+<sup>17</sup>, e negros possibilita questionar as normas de homens heterossexuais brancos que buscam produzir conhecimento de maneira universalizada e descontextualizada de suas histórias de vida.

### 3.2 A CONSTRUÇÃO DE SUJEITOS RACIALIZADOS

O discurso colonialista teve atualizações e manutenções ao longo dos seus séculos de execução, e um ponto crucial nas teorias fundamentadas pelo Sul Global é a construção do conceito de matriz colonial do poder, criada no período da modernidade, fundando assim o processo de colonização Europeia, transformando as relações sociais e a maneira de ser e existir enquanto sujeitos participantes de um sistema social global. Percebemos assim quais são os corpos que ganham importância dentro das sociedades, servindo inclusive como uma ferramenta de denúncia para as pessoas colocadas como subalternas, pois a matriz é o dispositivo

---

<sup>17</sup> A sigla LGBTQIA+ busca englobar lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, queers, intersexuais, agêneros/assexuais, e o mais representa outras possibilidades de expressão de gênero e sexualidade. Ela segue em constante disputa entre meios acadêmicos e sociais, sendo questionada e transformada ao longo dos anos. Para maiores informações sobre a sigla e o movimento LGBTQIA+ no Brasil ver (REIS, 2018, GREEN, 2011)

que garante o acesso ao poder dos homens cisgêneros, heterossexuais, brancos e das classes superiores (VIVEROS VIGOYA, 2018).

A manutenção da matriz colonial do poder só é possível a partir da disseminação de uma lógica global racista e patriarcal, alicerçada pela lógica do cristianismo de converter os errantes para esse modo de existência (MIGNOLO, 2011). Como aponta os autores (CÈSAIRE, 2010, FAUSTINO, 2018, MIGNOLO, 2011, VIVEROS VIGOYA, 2018), a raça sempre teve um aspecto central dentro do processo de colonização, foi a partir da construção do ideal de “colonizador branco portador das virtudes e civilidade do período Iluminista”, e “colonizado negro bárbaro e selvagem, necessitando de redenção”, que houve a possibilidade de expansão do império europeu e da violação e destruição de tantas outras culturas, ou seja, o racismo é fundante da sociedade moderna e é a partir dele que foi possível o empreendimento colonial, como justificativa para o saqueamento desenfreado, acumulação de capital e produção incessante de desigualdades globais (FAUSTINO, 2018).

O racismo não é uma característica inata e natural do ser humano, ele é uma construção histórica e teve uma transformação significativa no período moderno da construção colonial, o primeiro passo foi inicialmente a própria criação do conceito de raça, separando desigualmente a humanidade entre tons de peles. Faustino (2018), baseando-se em Fanon, aponta dois aspectos geradores dessa racialização, o primeiro é a “epidermização’ dos lugares e posições sociais, ou seja, aquilo que se entende por raça passa a ser definidor das oportunidades e barreiras vividas pelos indivíduos ao longo de sua vida” (FAUSTINO, p.154, 2018). O segundo processo é a interiorização subjetiva desta epidermização, sendo o momento em que a representação de ser humano criada pelo colonialismo começa a se introjetar nas subjetividades e distorcer as representações individuais e coletivas, interrompendo o reconhecimento mútuo de seres humanos para verticalizar essas posições, colocando os humanos brancos numa posição de redentores das características universais do que é ser um humano, essa objetificação da população negra faz com que a afirmação da própria subjetividade seja demarcada pela experiência branca, ocupando os espaços e modos de existir que os brancos os colocaram, ou então buscando se igualar e utilizar as vestes idealizadas para os brancos (FAUSTINO, 2018).

Embora todo o processo de construção do racismo colonial tenha sido realizado através das relações sociais entre brancos e não brancos, foram principalmente os negros que viraram objetos de pesquisa e analisados ao longo dos anos, porém, como discutido anteriormente, o racismo constrói a subjetividade de ambos, tanto de quem ocupa o espaço universalizado de norma, como aqueles marginalizados e referenciados como o “outro”, mas nota-se uma lacuna gigantesca de trabalhos sobre relações sociais que percebam o caráter racial da experiência branca e como ela foi sendo construída dentro dessas relações sociais (VIVEROS VIGOYA, 2018). Essa experiência branca vem sendo experimentada como uma categoria de experiência que desvanece na sua própria experiência, pois ao adentrar ao espaço do universal, deixa de existir enquanto possibilidade de demarcação e criação da sua singularidade, porém é justamente essa tentativa de apagamento de sua existência que denota sua criação real e concreta, ou seja, a branquidade se constitui a partir da sua tentativa de negação dentro do campo simbólico de raça e etnia, dando ao sujeito branco uma falsa noção de não pertencer a nenhum grupo e assim deixar de ser demarcado enquanto sujeito racializado (VIVEROS VIGOYA, 2018).

O branco existe enquanto categoria de humanidade e é este o objeto que deve ser questionado, pois é a partir da identificação dos corpos brancos como inteiramente pertencentes às relações sociais é que poderemos compreender como as subjetividades brancas são constituídas, pois embora na branquidade haja a tentativa de universalização, “não significa que seu efeito sobre os corpos seja menos concreto: a branquidade molda o que os corpos podem fazer ou não em sociedade” (VIVEROS VIGOYA, p. 133, 2018). Desta forma, é a partir do vislumbre dos privilégios colocados aos humanos brancos e das imposições e limitações colocadas tanto a brancos, como não brancos, que poderemos construir possibilidades de transformação social, escapando da lógica imposta pelo racismo colonial, sendo esta uma empreitada que precisa ser realizada por ambas as partes, criando e impulsionando as representações de pessoas negras para que haja um ethos positivo em relação a sua potência de existir, desatrelando assim da necessidade de associação com as experiências brancas. Ao mesmo passo, é necessário que os brancos consigam compreender os privilégios que foram galgando ao longo dos séculos vivenciados pelo processo de colonização e assumam uma postura ética frente às relações sociais, se desprendendo da lógica

de sujeitos universalizados e desconectados de suas histórias e de seus antepassados.

### 3.3 ENCENANDO AS MASCULINIDADES

Embora a discussão de masculinidades esteja intimamente relacionada com a vivência de homens, os dois conceitos não são sinônimos e falar de masculinidades diz respeito “as práticas com as quais homens e mulheres (mas principalmente os homens) se engajam nessas posições ditas masculinas” (STREY, p. 9, 2014), ou seja, engloba uma multiplicidade de experiências e de relações que são empenhadas socialmente, percebendo que as masculinidades não são isoladas e as outras marcas sociais vão ir moldando e construindo posições de privilégio ou opressão a partir de cada existência singular. Compreendendo inclusive que homens terão contradições em si mesmos, ocupando distintos espaços que variam a partir das marcas vislumbradas, por exemplo, um homem branco, transexual e heterossexual vai ter sua sexualidade reconhecida socialmente, ao passo que pode sofrer questionamentos sobre a validação de sua performance enquanto homem. As masculinidades são construídas e necessitam ser reafirmadas e legitimadas durante toda a vida, sendo essa afirmação dada a partir da diferenciação daqueles que são ditos subalternos, ou seja, as masculinidades ditas centrais, existem a partir da negação do ser mulher e ser homossexual (BADINTER, 1993; KIMMEL, 1998; NASCIMENTO, 2014). Atualizaria essa discussão trazendo a necessidade de além do sexismo e do machismo, as masculinidades são afirmadas através do racismo, do elitismo e da LGBTfobia<sup>18</sup>.

Cada forma de experimentar as masculinidades vai ter uma posição de dominação diferente e as lutas por transformação são amplas e podem protagonizar posições antagônicas. Elas ocorrem em diferentes espaços de disputas, organizadas principalmente por movimentos sociais que em muitos casos não conversam e possuem interesses diversos, por exemplo, “os homens que as feministas desejam talvez não correspondam totalmente as formas de ser homem que defendem os movimentos LGBTs” (SEFFNER, GUERRA, 2014, p. 61), esses

---

<sup>18</sup> LGBTfobia pode ser definida como o medo, a aversão, ou o ódio irracional a todas as pessoas que manifestem orientação sexual ou identidade/expressão de gênero diferente dos padrões heteronormativos, mesmo pessoas que não são LGBTQIA+, mas são percebidas como tais. (adaptação REIS, 2018, p. 35)



diferentes embates são construídos socialmente e denotam as divergências existentes entre os interesses dos grupos e inclusive dos posicionamentos teóricos que discutem masculinidades, buscar a mudança de um homem heterossexual para assumir uma paternidade mais humanizada e próxima dos filhos e companheira não remete necessariamente que este homem vá deixar de ser homofóbico, da mesma forma que é necessário discutir o machismo dentro do movimento LGBTQIA+.

Trazer as discussões acerca da colonialidade para o âmbito das masculinidades é demonstrar o quanto elas não estão colocadas numa posição de universalização, sendo assim, precisamos dar foco para que outras experiências sejam contadas e discutidas, descolando o imaginário de homem das características de branco, cisgênero, heterossexual de classe média. Ao passo em que esses outros corpos possíveis comecem a tomar forma, também poderemos localizar os próprios homens que eram pressionados a assumirem o papel central, tirando o ideal de universalização e dando um corpo real, possuidor de sofrimentos causados pela busca do padrão de masculinidade. Embora esses padrões causem sofrimentos nos homens, há uma ligação mais complexa por traz dessas construções, pois segundo Connell (2016, p. 99) “As desvantagens são, de modo geral, as *condições* das vantagens [...] os homens que mais se beneficiam não são os mesmos que pagam pela maioria dos custos destes benefícios”, por isso não se pode universalizar masculinidades numa escala única, conceitos de gênero, sexualidade, classe e raça precisam estar interligados para que haja uma real compreensão da complexidade dessas relações.

A colonialidade no âmbito das masculinidades é um dispositivo para visibilizar a herança binária deixada pelos ideais de colonizador/colonizado, sendo sua atualização a compreensão do colonizador como o homem hegemônico que constitui a norma e impõe aos outros sujeitos o espaço de refletir esses ideais.

As discussões acerca de masculinidades, que se desejam hegemônicas e as subalternizadas, podem ser deturpadas e utilizadas para essencializações e cristalizações, porém, é por meio da localização e demarcação delas que podem ser questionadas e entendidas como construídas socialmente, pois o mundo teórico é em grande parte construído por e para elas. Viveros Vigoya (2018) ressalta essa discussão, pois

“[...] falar de masculinidade hegemônica pode contribuir 'para essencializá-la e convertê-la em atributo natural de certos homens.

Considero, igualmente, que falar de branquidade e masculinidade e torná-las visíveis em um mundo que não as vê porque está estruturado por e para elas, pode conduzir a percebê-las como objetos de estudo neutros, como se fizessem parte do espectro da diversidade cultural e sexual da mesma forma que qualquer outra diferença” (VIVEROS VIGOYA, p. 156, 2018)

Compartilho da visão da autora ao perceber a necessidade de colocar as masculinidades e a branquitude como possibilidades de expressão de gênero e raça, porém de forma horizontal e semelhante, a partir de suas diferenças, das outras expressões de gênero e raça, destituindo-as de sua posição normativa e universalizada. É a partir dessa transformação que as pessoas masculinas e brancas poderão assumir posicionamentos críticos frente as normatizações sociais. Desta forma, abrir-se-á a chance do diálogo em comum com pessoas/corpos diversas, conforme raça, gênero e sexualidade, construindo posicionamentos e movimentos sociais que acolham as diferenças, mas busque a equidade nas relações.

A “interiorização subjetiva da epidermização” (FAUSTINO, 2018) citada no subcapítulo anterior, ocorre de maneira semelhante com as masculinidades que se querem hegemônicas e subalternas, sendo a violência um fator crucial para a produção desta normatização, que para além do sofrimento destes homens, gera o embrutecimento e a reprodução da violência como forma de afirmação e tentativa de ascender sua posição, pois “muitos desses homens dominados têm agido como se acreditassem que fortalecer sua masculinidade e sua autoridade sobre as mulheres fosse uma parte essencial de sua emancipação” (VIVEROS VIGOYA, p. 161, 2018). Portanto, a ampliação das masculinidades produz um impacto positivo tanto para os homens, quanto para as mulheres, pois a partir do momento em que a masculinidade viril e violenta deixa de ser norma imposta, abre-se oportunidades de relações sociais mais íntegras, reafirmando mais uma vez a urgência de se discutir masculinidades e o deslocamento da lógica vertical e impositiva para um entendimento horizontal, alargando as possibilidades de representação e experimentação das masculinidades.

Por fim, a autora faz uma ressalva quanto à associação e discussão de violência e masculinidades, pois “A violência é hoje uma constante em nossas sociedades e sua explicação vai além do gênero, ainda que as principais vítimas e autores dos homicídios e das agressões físicas às pessoas sejam homens”

(VIVEROS VIGOYA, p. 163, 2018), desta forma, a violência constrói-se a partir de diferentes fatores como o sexismo, racismo, pobreza, alcoolismo, entre outros. Assim, a forma como a violência será expressada e legitimada depende de seu contexto histórico e temporal, não tendo os homens uma propensão natural para a violência, mas sendo eles construídos e representados demasiadamente por tempo demais como sujeitos da violência (VIVEROS VIGOYA, 2018).

A partir das discussões teóricas construídas neste capítulo, poderemos pensar nos homens dos próximos capítulos. Definindo que este diálogo com eles é firmado a partir da perspectiva de gênero relacional, trazendo seus corpos como produto de uma história colonial enlaçada na tessitura das relações sociais. Nos próximos dois capítulos, gênero e colonialidade e raça, servirão como um sul para a construção das identidades masculinas, marcando aqui que todos os sujeitos são atravessados por essas diferentes marcas, independentemente de estarem em espaços de privilégio ou sofrendo pelas desigualdades. Quanto aos homens que possuem suas marcas invisibilizadas, a discussão colonial nos ajuda a marcar a necessidade de falar sobre os privilégios, responsabilizando estes homens para o diálogo e uma postura ética frente à sociedade.

Também será possível ir para além da lógica individual, destacando como a manutenção do machismo e a postura como os homens são compreendidos e incentivados a se constituírem faz parte de plano político de uma lógica conservadora. Pois, manter os homens longe dos espaços de cuidado é uma maneira de manter o machismo presente na sociedade e dificultar que haja a transformação na vida dos múltiplos homens que performam as masculinidades, quanto das mulheres que ainda são colocadas como responsáveis pela manutenção e cuidado da vida delas e dos homens que as cercam.

## 4 IDENTIDADES MASCULINAS EM PAUTA: FORMAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES POSSÍVEIS<sup>19</sup>

Este capítulo apresenta duas seções analíticas, que entrelaçam discussões teóricas e narrativas apresentadas pelos entrevistados. A primeira foca na discussão sobre as construções das identidades masculinas, trazendo à tona como se constroem a partir da subjetivação individual e suas conexões com as relações sociais, para compor essas construções. Appiah (2018) serve como um condutor para identificar as formulações sobre as identidades, ao passo que autoras com abordagem interseccional ajudam a expandir as discussões, trazendo olhares sobre as masculinidades. Na segunda, a reflexão é centrada em como as identidades masculinas são representadas socialmente e suas perspectivas de transformação social, compreendendo que as representações são múltiplas e algumas podem assumir posturas controversas e/ou antagônicas, mas buscando um caminho que assuma um viés de equidade de gênero.

### 4.1 IDENTIDADES SOCIAIS E MASCULINIDADES

Nenhum homem é uma ilha, inteiramente isolado; todo homem é um pedaço de um continente, uma parte de algo maior. (...) A morte de qualquer homem me diminui, porque sou parte da raça humana [*mankind*]. Portanto, nunca queira saber por quem os sinos dobram; eles dobram por vós (DONNE apud CONNELL, 2016, p. 45)

Nesta seção serão pautadas as identidades sociais a partir da contextualização do seu desenvolvimento enquanto conceito teórico e as estruturas sociais que possibilitaram sua emergência. Para isso, as três dimensões propostas por Appiah (2018) servem de interlocução para discutir as normativas sociais que dão fundamento para a manutenção e constituição social das identidades. Algumas falas dos entrevistados serão utilizadas, a fim de elucidar como esses conceitos não são abstratos e se inscrevem e se transformam continuamente a partir das relações sociais estabelecidas pelos sujeitos.

A compreensão sobre o que são identidades sofreu grandes transformações ao longo das últimas décadas. Inicialmente, a noção de identidade era demarcada

---

<sup>19</sup> Este capítulo foi enviado para publicação como um artigo para o Dossiê na revista Ciências Sociais online, link: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/revista>

como algo privado e específico de cada sujeito, diferenciando-o das demais pessoas ao seu entorno. Essa compreensão começa a sofrer significativas mudanças, sendo a principal delas a saída de um âmbito privado e singular para uma demarcação social e pública, ou seja, as identidades se transformam em sociais e começam a demarcar grupos de pessoas que vivenciam experiências semelhantes e se subjetivam a partir da aceitação e/ou contestação dessas identidades (APPIAH, 2018).

Passam então a serem compreendidas e vivenciadas a partir de rótulos, elementos de identidade que possibilitam a assimilação e identificação coletiva. Porém, como adverte APPIAH (2018), o rótulo deve ser compreendido como flexível e mutável, tendo em vista que uma identidade pode ter mais do que um rótulo, que se transforma ao longo do tempo.

Os rótulos podem ser compreendidos como marcadores sociais que influenciam diretamente a vida dos sujeitos. Embora teoricamente haja a separação dos diferentes rótulos/marcadores sociais para realizar discussões aprofundadas, na prática o que vemos são corpos e subjetividades constituídos de múltiplas formas e impossibilitados de serem dissociados. Para pensarmos na identidade masculina, é importante tirar a concepção de homem<sup>20</sup> da lógica universal, atentando para um sujeito com múltiplos atravessamentos, sendo apenas possível compreendê-lo a partir da composição de sua identidade de gênero, raça, classe social, sexualidade, entre outras dimensões. Esse conjunto de relações identitárias compõe o conceito de interseccionalidade, marcando que

em determinada sociedade, em determinado período, as relações de poder que envolvem raça, classe e gênero, por exemplo, não se manifestam como entidades distintas e mutualmente excludentes. De fato, essas categorias se sobrepõem e funcionam de maneira unificada. Além disso, apesar de geralmente invisíveis, essas relações interseccionais de poder afetam todos os aspectos do convívio social (COLLINS; BILGE, 2021, p. 17).

Embora as identidades dialoguem e sejam compreendidas a partir de seus cruzamentos, elas podem se apresentar de maneiras contraditórias e buscando posicionamentos distintos, podendo haver disputas internas e movimentações

---

<sup>20</sup> Todas as vezes que a palavra homem for citada, servirá para representar os indivíduos que se associam ao gênero masculino, fugindo da lógica colonial da representação de humanidade enquanto um sujeito homem.

constantes das identidades sociais de um mesmo sujeito (HALL, 2014a). Na fala a seguir, que foi expressa por Douglas (agente de saúde), percebemos essas disputas no sujeito, a partir do questionamento de sua identidade racial:

*“Porque, mesmo que eu faça essa pergunta pra... sei lá, um milhão de pacientes, eu fiquei pensando pra mim "cara, tá como eu sou branco. Será que eu não sou pardo?". Sabe, daí eu fiquei, fiquei com aquilo na cabeça, cara. Eu não botei... na minha definição, ainda tá ali no meu cadastro que eu sou branco, mas eu não posso te dizer que eu sou [...] Em algum momento eu vou decidir” (DOUGLAS)*

Esses questionamentos surgiram a partir de um espaço de formação para a equipe da qual o sujeito faz parte. Nela, foram discutidas as noções de identidade racial e como deve ocorrer o seu preenchimento durante as abordagens com os usuários do serviço. Para além das repercussões externas, nota-se que questionar o apagamento das identidades negras, acaba visibilizando no próprio sujeito suas possibilidades de representação, produzindo uma diferenciação da normativa e o reconhecimento de uma identidade passível de transformação e deslocamento.

As mudanças decorrem do fato de sermos sujeitos que vivenciam experiências de privilégios e imposições sociais a partir das diferentes normativas que nos atravessam. Por exemplo, um homem cisgênero gay, pode sofrer imposições sociais em decorrência de sua sexualidade e responder a partir de uma posição libertária e revolucionária, ao mesmo tempo em que recebe privilégios por ser cisgênero e inclusive assumir uma posição conservadora e excludente com pessoas transgêneras. A discussão sobre a interseccionalidade serve então para visibilizar as possibilidades de contradições existentes nos sujeitos, indo além das compreensões categóricas e fixas sobre as identidades que constroem os diferentes sujeitos (CONNELL, 2013).

Outro ponto destacado por Appiah (2018) é a compreensão de que uma identidade pode ter diferentes rótulos e compreensões ao mesmo tempo, por exemplo, ao pensarmos na identidade de um sujeito homem no Brasil, perceberemos que esse rótulo que produz socialmente um sentido comum, dependendo da localização geográfica, têm divergências significativas que vão sendo transformadas a partir do espaço de leitura dessas identidades. Os rótulos são desenvolvidos interconectados globalmente, principalmente influenciados por uma lógica colonial, mas cada localidade possui sua produção singular, sendo

válidas as diferenças produzidas. Ao trazer essa compreensão para o contexto brasileiro, podemos afirmar que há uma concepção de homem generalizada e comum em todo o território, mas, ao olharmos para diferentes regiões, perceberemos que existem homens baianos e homens gaúchos, e esses se diferem em pontos específicos a partir da cultura regional que os atravessa.

Ao pensar nos homens como sujeitos identitários, deve-se levar em conta que toda afirmação de uma identidade ocorre pela demarcação de suas fronteiras, fazendo uma separação entre a identidade e a diferença<sup>21</sup>. Como aponta Silva (2014, p. 81) “a identidade e a diferença não são, nunca, inocentes”, elas sempre são divididas a partir das relações sociais em que os homens estão inseridos, nas disputas políticas pela definição de quais vão ser as normas instauradas e capazes de representar os sujeitos. Corre-se o risco de recair na norma binária, instaurada pelo colonialismo, associando identidade e diferença como opostas, a identidade representando o “natural” e “normal” a ser seguido e as diferenças ocupando-se das características negativas e indesejáveis, como pontua o autor anteriormente citado (SILVA, 2014). Como traz o entrevistado Marcos (fisioterapeuta):

*“Eu cresci sendo chamado de viadinho porque eu não gostava de tirar a camiseta, só que a gente cresce e percebe que é uma bobagem, porque eu tinha vergonha, era tímido e me preocupava com o que outro familiar estava pensando. [...] Era horrível, são traumas que tento hoje não reproduzir, mas é um exemplo cultural ruim que me afetou. [...] De ter que me adaptar, chegou uma época em que eu tive que emagrecer para poder me expor, tirar a camiseta sem ter vergonha. Não tinha nada a ver com a minha sexualidade, era meu corpo físico, eu era mais gordinho, tive que entrar na academia, parar de comer, coisas que vão influenciar até nos convívios” (MARCOS)*

Apesar de Marcos sempre ter se reconhecido como heterossexual, seu corpo desde cedo foi questionado por normativas gordofóbicas e homofóbicas, percebendo de maneira muito dura as fronteiras do que não se encaixava na identidade normativa, notando as marcas da “diferença” no seu corpo. Essa demarcação foi acompanhada de intenso constrangimento e sentimento de inadequação, tão fortes

---

<sup>21</sup> Identidade e diferença são conceitos que estão interconectados. A identidade é definida aqui como o conjunto de significados atrelado a um sujeito e que possuem correspondência comum com demais sujeitos, enquanto a diferença é o que diverge da identidade à qual se refere. Exemplo, se me identifico enquanto brasileiro, há um conjunto de significados que vão representar o que é ser brasileiro, enquanto a diferença está em ser argentino, japonês, canadense, etc. (HALL, 2014a; SILVA, 2014; WOODWARD, 2014).

a ponto de mudarem drasticamente seu modo de viver consigo mesmo e em sociedade.

Embora seja socialmente comum produzir identidades a partir da exclusão, há outras possibilidades, entre elas, a de compreendê-las de maneira complementar, interligadas em suas constituições, representando não a idealização do que deve ser seguido, mas sim as possibilidades derivantes de suas instituições. Para que isso ocorra, Hall (2014b, p. 106) aponta a “identificação como uma construção, como um processo nunca completado – como algo em processo”, dando uma condicionalidade para as identidades e diferenças que, atreladas ao contexto histórico e social, não possuem uma totalidade em si, mas derivam da transformação constante presente no ato de sua materialização.

As identidades/rótulos não são estanques no tempo e espaço e sofrem constantemente transformações, que acontecem a partir do questionamento das fronteiras das identidades e dos diferentes grupos que vão se afirmando e lutando pela contestação delas. Ao pensar nas masculinidades, Connell (2016, p. 33) ressalta que há uma “enorme diversidade de masculinidades que se encontram em construção, ao mesmo tempo, num mesmo território nacional”. Essas construções podem estar em consonância ou discordância, influenciadas continuamente por outras identidades que dialogam e se produzem interconectadas, assim, “a realidade pós-colonial do gênero não pode ser capturada por modelos generalizados de um ser homem ‘moderno’ versus tradicional” (CONNELL, 2016, p. 33). As identidades são complexas, sendo fundamental fugir dessa forma binária de compreendê-las, pois não há apenas dois lados, pelo contrário, elas são multifacetadas e em constante jogo de contestação e transformação.

Para compreender essas transformações, é necessário discutir a segunda dimensão pensada por Appiah (2018), ou seja, há normas associadas às identidades sociais que vão influenciando suas transformações. As normas são construídas socialmente por diversos grupos e podem produzir relações de desigualdade e exclusão para aqueles que não conseguem segui-las. Badinter (1993), ao estudar a identidade masculina, demarca que, embora desde cedo haja a associação biologizante e cisnormativa<sup>22</sup> de que aquele que nasce com um pênis seja um homem, a identificação com a identidade masculina é “fabricada” com ditos

---

<sup>22</sup> Cisnormativa faz referência a lógica social que induz os sujeitos a seguirem a cisgeneridade.



e deveres sobre o que pode ou não um homem fazer e agir. Há um conjunto de normativas machistas que buscam qualificar quem pode se associar com o rótulo de homem, visando separar os “homens de verdade”, daqueles que não atingem a “virilidade necessária”.

Esta lógica é atualizada constantemente em diversos contextos do nosso cotidiano, sendo encontrada no ambiente militar uma reprodução explícita dessa fabricação, em que há uma rigidez severa aplicada no corpo e na subjetividade dos homens. Segundo o entrevistado Jonas [agente comunitário de saúde]:

*“O meu ano de recruta foi muito difícil, muito difícil mesmo. Meu outro ano foi mais tranquilo, mas o ano de recruta é muito difícil. Essa rigidez aconteceu, eu era uma pessoa, que não era madura, 17 anos, então tu entra numa rigidez, numa hierarquia extrema, onde qualquer coisa tu tem que pagar, tá entendendo? Qualquer coisa que fizer errado tu vai pagar na hora ali. Entendeu? A questão do campo básico, do não dar risada pra ninguém... ter que manter a cara fechada, a cara feia, tá entendendo? Imagina tu um ano sendo trabalhado desse jeito [...] minha namorada falava “bah, tu não sorri nem pras foto” [...] Mas era bem, bem difícil. E foi isso que me tornou rígido. Porque eu tava também na adolescência, descobrindo como é que eu ia ser, como eu ia ser profissionalmente, e aí, exército. Então... o exército já prepara o homem pra ser uma pedra, pra ser bem característica militar mesmo” (JONAS)*

Embora essa lógica ainda seja muito presente nas subjetividades masculinas, faz-se necessário demarcar que essa narrativa de homem, centrada na lógica machista e patriarcal, vem sendo contestada e nem um pouco desejada por movimentos de homens que constroem e desejam outras masculinidades.

As normas identitárias não são naturais e fixas na sociedade, pelo contrário, são um desdobramento do processo europeu de exploração e expansão territorial chamado colonialismo. Este é um processo de divisão entre o colonizador e o colonizado, sobre quem deve representar a norma e quem será o diferente, aquele que deverá ser representado a partir da negação das características desejáveis. Desta forma, o colonizador ocupa o espaço da identidade central, podendo ser associado atualmente como o homem cisgênero, heterossexual, branco, que defende a manutenção da cisheteronormatividade, enquanto a associação do colonizado recai sobre as pessoas LGBTQIA+, as mulheres, as populações negras, indígenas, e todas aquelas que sofrem com as exclusões produzidas pelas normativas. Estes processos derivam do colonialismo, pois “a colonização trabalha

para descivilizar o colonizador, para embrutecê-lo no sentido literal da palavra, para degradá-lo, para despertar seus recônditos instintos em prol da cobiça, da violência, do ódio racial, do relativismo moral” (CÈSAIRE, 2010, p. 19). Além das normas identitárias não serem naturais e fixas, os próprios sujeitos que ocupam estes espaços passam por um processo de embrutecimento e de pressão contínua para que ocupem esse espaço vertical e excludente.

Para que a colonização fosse efetivamente aceita, foi necessário justificá-la por uma lógica binária, pautada num fundo cristão de evangelização e de salvação. Nesse processo, a Europa tomou para si o ideal de moral, justificando as invasões e genocídios de outros territórios e populações, a partir do princípio de que seriam eles os responsáveis por civilizar as outras populações, ao colocá-las como sinônimo de selvageria. Cèsaire (2010, p. 31) resume genialmente essa relação a partir da equação “colonização = coisificação”. A colonização só foi justificada por essa equação no momento em que tira a humanidade dos sujeitos colonizados e seus genocídios são justificáveis por um ‘bem maior’, ou seja, a salvação dos que sobreviveram e a expansão da moralidade europeia.

A colonialidade deve ser compreendido como um processo que vai além da divisão racial entre os colonizadores/colonizados, mas como uma produção de controle ampla que perpassa as relações de controle da sexualidade, das relações de trabalho, da subjetividade e da produção do conhecimento. Sendo produzida e mantida a partir de normativas que vem de sujeitos externos a realidade vivenciada (LUGONES 2008)

Trazer as discussões acerca da colonialidade para o âmbito das masculinidades é demonstrar o quanto elas não podem ser colocadas numa posição de universalização e homogeneização das vivências. Precisamos dar foco para que outras experiências sejam contadas e discutidas, descolando o imaginário de homem das características de branco, cisgênero e heterossexual de classe média. Ao passo em que esses outros corpos possíveis comecem a tomar forma, também poderemos localizar os próprios homens que eram pressionados a assumirem o papel central, tirando o ideal de universalização e dando um corpo real, possuidor de sofrimentos causados pela busca do padrão de masculinidade. Embora esses padrões causem sofrimentos nos homens, há uma ligação mais complexa por trás dessas construções, pois segundo Connell (2016, p. 99) “as desvantagens são, de modo geral, as *condições* das vantagens [...] os homens que mais se beneficiam não

são os mesmos que pagam pela maioria dos custos desses benefícios”. Por isso, não se pode universalizar masculinidades numa escala única, uma vez que, conceitos de gênero, sexualidade, classe e raça precisam estar interligados para que haja uma real compreensão da complexidade dessas relações.

Reiterando o viés da complexidade da construção das identidades e os atravessamentos que intercalam nas suas construções, a última dimensão das identidades pensada por Appiah (2018, p. 19, grifos do autor) é “encarar as identidades como *essencialmente subjetivas*, uma vez que a importância delas advém do papel que desempenham os pensamentos e atos de seus portadores”. As identidades não apenas normatizam e controlam os corpos dos sujeitos, mas se relacionam e constroem suas subjetividades, e os próprios sujeitos subjetivados pelas normativas sociais são, ao mesmo tempo, os atores capazes de transformá-las e ressignificá-las. Badinter (1993) aponta a crise das masculinidades como um movimento fundamental para a transformação dos homens, que decorreu dos questionamentos levantados pelos movimentos feministas sobre a posição do homem como sujeito representante da humanidade.

Neste cenário, marcamos o reconhecimento dos privilégios masculinos como um passo fundamental para que outras transformações possam acontecer. Como Marcos aponta, “*a gente tem privilégios, mesmo sendo um homem num curso permanentemente feminino [fisioterapia], eu sou sempre o Doutor, e se tivesse uma colega do meu lado de jaleco e cracházinho é a Moça, a menina*”. É a partir dessa compreensão de privilégios e seus questionamentos que se abrirão brechas nas normativas do que devem/podem ser os homens. A transformação acontece de fato apenas com as reflexões, ponderações e ações produzidas a partir dessas perguntas e compreensões. Também ressaltamos seu reconhecimento enquanto homem branco, percebendo o quanto a questão racial interfere no modo como seus pacientes e outras pessoas legitimam sua fala, ao afirmar que “[...] *um homem branco, do olho azul, porque também tem essa questão de raça e cor, tem diferença na forma como te escutam*” (MARCOS). É nítido o quanto o reconhecimento desses privilégios, somado a reflexões e questionamentos acerca de suas próprias posturas, produz em Marcos uma masculinidade branca antirracista, distanciando-se da masculinidade normativa que tanto ditou seus modos de ser e de se construir.

## 4.2 REPRESENTAÇÕES MASCULINAS E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS: DIÁLOGOS COM HOMENS QUE CUIDAM/CUIDADORES

*Retrato do artista quando coisa*

*A maior riqueza do homem  
é a sua incompletude.  
Nesse ponto sou abastado.  
Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito.  
Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,  
que puxa válvulas, que olha o relógio,  
que compra pão às 6 horas da tarde,  
que vai lá fora, que aponta lápis,  
que vê a uva etc. etc.  
Perdoai  
Mas eu preciso ser Outros.  
Eu penso renovar o homem usando borboletas.*

*Manoel de Barros*

A partir da discussão, no tópico anterior, sobre a formulação e cristalização das identidades, esta seção tem como intuito avançar para os pontos de transformação e possíveis rupturas, tendo as masculinidades como foco de debate.

Interessante notar que o próprio diálogo no contexto da pesquisa foi apontado por um dos entrevistados como possibilidade transformativa: “só o fato de estarem aqui pesquisando já cutuca, já instiga. As perguntas que fizeram hoje eu já vou pra casa pensando” (Marcos). Pode-se intuir que dialogar e questionar as normativas abre possibilidades de rupturas significativas. É a partir da forma como as identidades são representadas, que um sujeito é capaz de se subjetivar e se posicionar no mundo, produzindo sua singularidade a partir dos modos de representações disponíveis e com a diferença produzida no diálogo com outros sujeitos.

As possibilidades de transformações estão interligadas com os diferentes espaços de socialização que os homens habitam. A junção de todos os espaços que circundam cada sujeito, somando-se com sua história, cultura, economia e localização global, desenvolvem o que definimos como campo de possibilidades, compreendido como o “rol de alternativas que se apresenta ao indivíduo a partir de processos sócio-históricos mais amplos que, além disso, passam pelo potencial interpretativo da sociedade” (DELUCA; ROCHA-DE-OLVEIRA; CHIESA, 2016, p. 465-466), ou seja, os direcionamentos possíveis que os sujeitos podem tomar a

partir do contexto e das condições em que habitam. No caso dos homens, é a partir deste território que eles poderão refletir e repensar suas masculinidades.

Ao mesmo tempo em que a sociedade produz subjetividade e abre espaços para deslocamentos das identidades dos homens, é necessário que os homens empenhem seus desejos e se desloquem em sua direção. Esse fator de mudança pode ser compreendido através do potencial de metamorfose individual, ou seja, o potencial que o indivíduo tem de alterar os projetos de vida que lhe são possibilitados, transformando sua realidade em diálogo com as possibilidades sociais que são apresentadas para outros indivíduos ou grupos (DELUCA; ROCHA-DE-OLIVEIRA; CHIESA, 2016). Dessa forma, entende-se que há uma interação concomitante entre as possibilidades de representação ofertadas pelo campo social, juntamente com o movimento que o próprio sujeito constrói para si mesmo. Ao olharmos para a história de Jonas, fica explícito como ele se transforma constantemente a partir do campo de possibilidades que lhe é ofertado, podendo experimentar diversas formas de interagir e buscar o seu desejo dentro do contexto no qual está inserido.

*“Eu fui militar, durante dois anos e dez meses. Aí, fiquei rígido, bastante rígido, bastante fechado. Depois comecei a trabalhar na Taurus e mantive essa mesma postura. Depois quando eu vim pra cá, eu tive que mudar totalmente esse meu jeito, né? Então, o carisma tomou conta de mim, o acolhimento. Eu sou um cara que eu amo acolher as pessoas [...] Porque isso foi uma coisa que eu trabalhei, e o trabalho também me ensinou a ser desse jeito, ser acolhedor, conversar com a pessoa, escutar o problema da pessoa, tentar solucionar [...] Então eu faço esse sistema de acolhimento, e foi uma coisa que eu aprendi com o trabalho, sabe? A ter esse carisma também, antes eu era mais fechado, então, eu aprendi aqui a tá sempre conversando [...] Isso foram qualidades, que o trabalho me trouxe. Qualidades muito boas que eu to levando pra minha vida, que tão me fazendo me relacionar com muitas pessoas legais” (JONAS)*

Esses sistemas simbólicos sempre devem ser percebidos entrelaçados nas relações sociais e de poder, constituídos de formas muito diferentes a partir das regiões e contextos que são constituídos e mantidos, mas fundamentalmente históricos e globais. É a partir das representações que se desenvolve e instaura naturalizações identitárias, ao mesmo tempo em que o seu caráter metamorfo pode desconstruí-las e ampliar suas possibilidades. Elas passam intrinsecamente pela forma como os sujeitos podem ser narrados e descritos, mas também abre espaço

para a diferença e a instauração de novos modelos de representação, constituindo uma relação política com os diferentes grupos que se juntam a partir de representações em comum (HALL, 2014b; WOODWARD, 2014). De maneira direta, podemos identificar essas representações nos espaços familiares e geracionais, entendendo como ocorrem suas manutenções ou transformações:

*“Quando eu era criança, minha bisa achava um absurdo quando minha mãe mandava eu varrer a casa. Quando a minha bisa estava lá a gente não podia fazer isso, homem varrendo a casa não podia. E eu já cresci ouvindo isso, meu pai e mãe dizendo ‘não tem problema, a bisa é de outra geração’. Daqui a pouco eu vou estar reproduzindo alguma coisa da nossa geração e outros vão dizer ‘nossa, que ultrapassado’, então é sempre diferente” (MARCOS)*

Ao mesmo tempo em que a naturalização do que um homem deve ou não fazer é impedida de ser questionada diretamente naquela que a reproduz, com esta fala percebemos esse jogo de metamorfose ao longo das gerações familiares. Há um jogo de encenar e narrar diferentes masculinidades, sendo mantida a normativa aos olhos da bisa, que representa a tradição familiar. Essa lógica é, então, subvertida a partir do casal, que a compreende como incoerente e ultrapassada.

Ao olharmos para as masculinidades e as identidades masculinas, embora alguns homens ainda reiterem e se sintam confortáveis com as normativas, muitos outros começam a se movimentar a partir dos questionamentos destas imposições e desenvolvem novas formas de se identificarem. Apesar das identidades masculinas serem experimentadas a partir de experiências singulares de cada homem, por exemplo, elas são construídas a partir da necessidade de representações de diferentes grupos sociais, como aponta Seffner e Guerra (2014, p. 61),

Há uma diversidade de interesses, às vezes emaranhados e opostos, por trás das mudanças nos homens. Esses interesses respondem a múltiplos questionamentos que não podem ser analisados sem levarem-se em conta as divergências que existem entre as diferentes teorias de gênero, as discordâncias políticas dos movimentos feministas e LGBTs, os interesses lucrativos das empresas que percebem os novos homens como potenciais consumidores de determinados produtos e as resistências que estão presentes em qualquer processo de transformação.

Esse emaranhado de questionamentos e desejos de visibilizar os homens aparentam ser abstratos e distantes da realidade deles, porém, são construídos e reforçados no dia-a-dia em inúmeras dimensões da vida cotidiana, como nas mídias, espaços de ensino e aprendizagem, instituições religiosas, construção de políticas públicas e nas relações intrafamiliares. Esses espaços definem e constroem os homens que são focos de suas ações e intenções, criando um espaço de visibilidade e representatividade para algumas camadas sociais, e, ao mesmo tempo, excluindo a possibilidade de representações de tantos outros.

Além da pressão externa, direcionada pelos grupos sociais que desejam a transformação das identidades masculinas, os próprios homens protagonizam movimentos de transformação de maneiras singulares e coletivas. Connell (2016) aponta que os homens estão se inserindo cada vez mais nos espaços de discussão sobre igualdade<sup>23</sup> de gênero, fenômeno visto pelo desenvolvimento de espaços educativos, campanhas políticas e demais espaços que buscam apresentar os malefícios generalizados de viver numa sociedade machista. A autora também discute sobre alguns movimentos de resistência frente às transformações, principalmente pela falta de uma posição política unificada para os homens; a disparidade entre as diferentes expressões de masculinidades; o reforço do machismo através de instituições de extrema influência como as igrejas e movimentos tradicionalistas; a manutenção do sistema econômico neoliberal, desinteressado pelas pautas de gênero e sexualidade; e a presença de homens conservadores ainda ocupando os locais de poder. Por outro lado, há movimentos significativos que ajudam os homens a representarem suas identidades e se produzirem de uma maneira mais equânime, sendo destacados principalmente por se relacionarem com mulheres que sofrem de maneira mais violenta pelo machismo; ao perceberem os efeitos do machismo em suas próprias vidas; a partir de inserções em movimentos políticos e/ou grupos sociais progressistas que buscam a transformação social ou a partir de suas reflexões próprias e do desejo por uma postura mais ética (CONNELL, 2016). As transformações acontecem no cotidiano, como expressa Marcos:

---

<sup>23</sup> Embora discordemos da autora, preferindo pensar na necessidade de constituir uma equidade de gênero, utilizamos o termo igualdade para trazer suas contribuições.

*“Mas a gente vê que isso repercute realmente né, por exemplo, pelo outro lado, eu passo por uma conhecida na rua, eu já não buzino na rua pra abanar, porque ela não vai me reconhecer e vai ficar desconcertada. Porque eu tenho uma irmã que passou muito isso, de sofrer assédio e ter que correr com medo na rua por parar um carro com dois homens dentro e mexerem com ela. São coisas que a gente precisa estar sempre mudando por conta do receio” (MARCOS)*

Podemos relacionar essa fala com o apontado por Connell (2016), que a convivência com as mulheres e a percepção de que elas sofrem constantemente com o machismo. Isto foi um fator de mudança para Marcos. A mudança assim se dá pelo reconhecimento de seus privilégios e como seu corpo ocupa os espaços sociais, tomando ações que contribuam para uma lógica de cuidado social e reconhecimento de uma necessária transformação.

Embora Connell traga importantes contribuições para pensar as perspectivas de mudança no campo das masculinidades, ela ainda o faz de uma maneira heterocentrada, sendo necessário destacar que muitos homens possuem identidades referenciadas em outras lógicas não pertencentes à matriz colonial, e já estão produzindo importantes rupturas na maneira de se enxergarem homens, buscando se aproximar de uma visão de mundo progressista e em relações mais saudáveis com os demais. O contato com outros homens também pode ser um fator de transformação para os homens cisgênero e heterossexuais, como aponta Marcos:

*“Outra coisa é meu irmão, que está recém se descobrindo, não conseguiu ainda se posicionar e a gente passou por muito trabalho em função desse ano eleitoral<sup>24</sup>, se assume ou não, por vencer de um lado e acabaram muitas pessoas se mostrando [conservadoras] dentro da própria família. E sabendo que ele estava sofrendo, mas não saber até quando eu posso me meter, porque a vida é dele” (MARCOS)*

Embora haja o reconhecimento do sofrimento de outra pessoa próxima e o desejo por assumir uma posição social mais ética, a mudança passa por um jogo de poder dentro do próprio sujeito. A fala acima elucida a transformação individual, porém, ao mesmo tempo, a dificuldade de se posicionar frente aos demais membros

---

<sup>24</sup> O ano eleitoral mencionado foi o de 2018, resultado de uma onda crescente de movimentos conservadores que culminou na eleição de um presidente abertamente contra os direitos da população LGBTQIA+. Essa disputa teve um caráter polarizado, adentrando de maneira mais intensa em ambientes familiares e sociais.



familiares que possam estar causando este sofrimento. Isto ocorre em parte pelo papel tradicional e regulador que os espaços familiares ocupam na vida das pessoas e desta forma, a sua dificuldade de questionamento destas lógicas, desejando uma transformação individual e o desejo pela não replicação das normativas que causem sofrimento. Porém, pela falta de outros homens que reforcem essa postura, há uma dificuldade de mantê-la em determinados espaços de poder.

Por outra perspectiva, podemos ver que quando alguém se assume membro da comunidade LGBTQIA+ num espaço de serviço, ainda há um primeiro estranhamento e a necessidade de reconhecimento do sujeito. Pedro (graduando em medicina) conta que atualmente consegue dialogar sobre sua sexualidade com maior tranquilidade frente aos outros homens, porém essa foi uma construção realizada ao longo de sua vida, segundo ele *“já passei por muito ambiente de preconceito, duros com a questão sexual, e chegou um momento da minha vida que eu comecei a sentir como “agora eu não vou me esconder de ninguém e se alguém falar qualquer coisa eu vou me posicionar”* (PEDRO), porém, mesmo estando afirmado na sua identidade, percebeu um estranhamento no meio de seus colegas, pois quando contou *“o pessoal ficou tipo, aquela coisa, aquele silêncio, mas aí depois passou e todo mundo agiu normalmente sabe”* (PEDRO). Esse silêncio dos colegas de Pedro, pode ser semelhante ao produzido em Marcos, ou seja, a dificuldade de mostrar suporte e acolhimento frente à percepção da diferença.

Outro fator a ser associado à recepção das diferentes expressões de masculinidades, são as marcas interseccionais que estarão ligadas a ela. Logo depois de contar sobre o silêncio percebido por sua equipe de colegas, e posteriormente ser bem acolhido, ele continua a reflexão,

*“a gente pode entrar aqui um pouquinho no campo dos privilégios, eu estou em um grupo, o grupo médico, ele é respeitado socialmente, então eu tava sendo respeito por ser branco, ser cis, é uma coisa que traz respeito, porque, assim, eu transito de uma forma tranquila, porque eu tenho uma serie de caixinhas de privilégios. E eu reconheço isso sabe, eu não acho que é a mesma coisa se eu pegasse um homem trans, de uma profissão diferente, um pedreiro trans, que chegasse na unidade, não seria a mesma coisa, a gente vai entrar em uma outra discussão que são os privilégios”* (PEDRO)

Desta forma, reafirmamos a necessidade de um reconhecimento de que as desigualdades são produzidas a partir de um viés interseccional. Embora Pedro e o

irmão de Marcos possuem orientações sexuais semelhantes, percebemos que a maneira como eles são acolhidos pelas pessoas que compõem suas relações sociais são totalmente distintas. Também é importante refletir sobre o exemplo de Pedro, ao trazer um mesmo contexto social, percebe que sua orientação sexual foi bem acolhida e possivelmente um homem, sem os mesmos privilégios que ele, poderia correr risco de sofrer violência. Esses dois exemplos ajudam a pensar em como cada indivíduo vai encontrar rotas para se afirmarem enquanto sujeitos de direitos frente às suas comunidades. Sendo importante sempre ressaltar que essas transformações sempre são coletivas e acontecem a partir da relação desenvolvida entre o indivíduo e seu entorno social.

No cenário de transformação das masculinidades, as mulheres sempre ocuparam um espaço de extrema importância para os deslocamentos das masculinidades, pois foi a partir dos movimentos feministas que se iniciaram muitos dos questionamentos masculinos, seja pelo tensionamento sobre seus espaços de poder, ou pela crítica por assumirem identificação a partir da negação das feminilidades (BADINTER, 1993). Mas para além dessa postura crítica, as mulheres também possibilitam um espaço de representação para muitos homens que não se encaixam na lógica patriarcal vigente.

*“Entrevistador: Como as relações de cuidado atravessaram a tua vida? Esse modo de ser atencioso, com quem tu aprendeu?  
Marcos: Com as mulheres, sem sombra de dúvida com as mulheres. Daí eu consigo responder aquela outra pergunta. Eu sempre tive mais amigas, as referências na minha família são minha mãe, avó, madrinha, tia, meu pai também é, mas é sempre mais as mulheres”*

Essa representação das feminilidades também ajuda a quebrar a lógica binária de que masculinidades e feminilidades são modos opostos e antagônicos e pode ser capaz de desenvolver nas masculinidades rupturas significativas no modo como cada homem deseja se constituir, servindo como um espaço de questionar os machismos que lhe são repassados continuamente e desenvolvendo masculinidades pautadas na equidade de gênero.

Ao olharmos para a área profissional, conseguimos perceber que os homens encontram na saúde uma forma de se constituírem como cuidadores, transformando as normativas que lhe são instituídas, podendo assim, promover relações mais equânimes com outros homens e mulheres. A partir da história de Marcos, podemos

ver que o cuidado sempre foi um fator constituinte em sua vida, tendo sido passado principalmente pelas mulheres de sua família, chegando ao momento de escolha profissional, como conta

*“Eu sempre gostava muito de lidar com pessoas e a fisioterapia foi um meio de poder usar isso, aquela história de trabalhar com o que gosta, de conseguir resolver os problemas das pessoas, eu não conseguia me ver dentro de um escritório só lidando com máquina e papéis. O que me fez decidir ir pra área da saúde, foi quando fui estagiar na recepção da prefeitura, o pessoal chegava com N questões, e esse prazer de resolver aquela questão que a pessoa precisava naquela hora, foi o que me levou um pouco pra área da saúde” (MARCOS)*

Ele conseguiu construir uma caminhada muito fluída em sua vida, sempre estando próximo aos espaços de cuidado, colocando na interação social uma fonte de reconhecimento de si mesmo e de sua socialização com o mundo. A fisioterapia se tornou uma ferramenta fundamental para ele se desenvolver de maneira livre, pois é a partir dessa área profissional que ele tem uma identidade de cuidador reconhecida pessoa sociedade. Representação esta que talvez fosse muito mais difícil de afirmar a partir de um lugar que cobre uma postura rígida e lógica.

A história de Jonas nos ajuda a pensar nessa mudança, pois, mesmo afirmando que sempre gostou de ser acolhedor e brincalhão, ao passar pelo espaço militar teve sua forma de existir embrutecida. Sendo somente quando retorna à área da saúde que conseguiu desenvolver uma masculinidade mais sensível ao outro, contando com um incentivo contínuo e de espaço para transformar o seu jeito de se relacionar, como nos contou sobre essa mudança progressiva *“o primeiro ano foi bem difícil pra mim, depois... foi muito bom, cada dia melhorando, porque essa questão de acolhimento é... um aprendizado constante, existem tantos jeitos de pessoas hoje, que, cada um tu tem um jeito de tratar a pessoa” (JONAS)*. Marco que essa capacidade de compreender a multiplicidade de formas de existir, é um dos pilares para a construção do respeito aos demais, e isso Jonas foi marcando na sua história, ao passo que ele conseguiu intensificar o acolhimento das demais pessoas, também pode se descobrir nesse caminho e perceber as maneiras que ele mesmo poderia se experienciar.

A partir destes relatos que demarco a importância de ampliarmos as representações masculinas, logo, aumentando a possibilidade de reconhecer que os

outros também podem se constituir de múltiplas formas e que haja a coexistência das diversas identidades. É importante questionar os homens dos modelos machistas e patriarcais, para poder produzir uma mudança social de fato. E nesse caminho, a saúde é uma importante ferramenta de transformação social, ao passo que começarmos a acolher mais nossos homens, poderemos criar a compreensão de que não lhes resta apenas se relacionar com a violência, mas sim constituir suas relações de cuidado consigo mesmos e com toda a sociedade.

## **5 AS POLÍTICAS DO (NÃO) CUIDADO MASCULINO: APLICAÇÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS PARA A SAÚDE EM CONTEXTO COMUNITÁRIO<sup>25</sup>**

Neste capítulo, discuto como a construção da política de cuidado em saúde voltada aos homens é aplicada, ou não, em âmbito comunitário, entendendo as dificuldades que ocorrem na prática de atenção aos cuidados a partir das diferentes masculinidades propostas no território. A Estratégia Saúde da Família (ESF) ocupa um espaço fundamental nas relações comunitárias de cuidado e pode ser um espaço de potência para a ampliação de cuidados, redes e transformação social. Porém, ainda persistem dificuldades estruturais no desenvolvimento desse serviço, uma vez que, em muitos casos, as diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS) acabam não chegando nos profissionais que realizam o trabalho na ponta, e as possibilidades acabam se esvaindo.

O capítulo está dividido em duas partes, sendo nos dois momentos articuladas contribuições teóricas com as narrativas dos entrevistados. A primeira foca na discussão do cenário pandêmico e como ele afetou e constituiu as masculinidades nos últimos dois anos e suas implicações para as relações de cuidados comunitários e individuais. Na segunda, é discutida a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH) e sua construção, compreendendo de que forma ela impacta na vida dos homens.

### **5.1 MASCULINIDADES EM CENÁRIO PANDÊMICO**

A pandemia de covid-19 instaurou um cenário de crise mundial, e para sua contenção, medidas como o isolamento social, a paralisação das atividades e a transformação de muitos trabalhos para o ambiente remoto teve profundo impacto no modo de vida socialmente constituído. Além disso, no caso do Brasil, a pandemia converge com crises na política, na saúde, na economia, entre outras, tornando assim o país um espaço de alastramento intenso do coronavírus, ocupando no dia 10 de Julho de 2021 o 3º país com o maior número de infecções, com um total de 19.069.003 milhões de infectados, ficando atrás apenas dos Estados Unidos e da Índia. Já ao olhar para o número de óbitos em decorrência do vírus, ocupamos o 2º

---

<sup>25</sup> Este capítulo foi enviado para publicação como um artigo para livre publicação na revista Research, Society and Development, link: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd>

lugar com 532.893 mil mortes, ficando atrás apenas dos Estados Unidos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021). Dentro dessas fatalidades a nível mundial, temos os homens como as principais vítimas da covid-19, fator este que deve ser atrelado às estruturas e construções sociais relacionadas às masculinidades (SOUSA, et al, 2020a).

Na sociedade patriarcal em que vivemos, vale destacar que os homens sempre tiveram os âmbitos públicos como principais espaços de socialização, e a partir do isolamento social houve a imersão destes homens nos ambientes privados, forçando o isolamento de pessoas que moravam só, ou aumentando a convivência de pessoas que costumavam se ver apenas em pequenos espaços de tempo. Para compreender o abalo que os homens sofreram durante o período da pandemia, precisamos pontuar que

a socialização masculina cisheteronormativa se orienta a partir de três eixos: 1) a abjeção às práticas de cuidado de si e dos outros; 2) a rejeição às práticas preventivas em saúde, dada uma distorcida matriz de percepção de risco (e certo sentimento de “invulnerabilidade”); 3) a dinâmica doméstica marcada por posições de comando, ordenamento e honra. (MEDRADO et al, 2021, p. 181).

O cenário de pandemia agrava profundamente o sofrimento gerado por essa estrutura. Podemos fazer uma análise mais aprofundada de cada um dos itens citados acima e como se produz essa vulnerabilidade dos homens. No item 1 é levada em conta a abjeção às práticas do cuidado, que já gerava um cenário alarmante, como vem sendo discutido desde a implementação da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (BRASIL, 2008). As representações das masculinidades são deslocadas das necessidades de cuidado de saúde, pois engendram seu ideal de provedor da família, trabalhadores que não se permitem adoecerem (SEPARAVICH, 2014). Olhando para a cidade de São Leopoldo, cenário em que a pesquisa foi realizada, durante a pandemia vemos a diminuição das ofertas de cuidado e prevenção de saúde pela atenção básica à saúde, em muitos casos houveram desmarcação de consultas agendadas para priorização dos atendimentos para covid-19, além disso, no período de janeiro a março de 2021, vivenciamos uma superlotação de casos de COVID-19 e até mesmo fechamento das principais portas de entrada ao SUS (FINATO; MARQUES, 2021). Marcos narra que

vivenciou todo o ano de 2021 na ESF pesquisada, reafirmando a indisponibilidade de cuidados para além da saúde, como aponta *“Quando cheguei estava bandeira preta, todas as agendas suspensas”* (MARCOS). De modo geral, esse despreparo dos serviços de saúde em lidar com o cenário pandêmico causou um sentimento intenso de insegurança e uma confusão entre as diferentes doenças que afetam os sistemas respiratórios, sendo difícil manter diagnósticos adequados e seus tratamentos. Além do sofrimento em decorrência da COVID-19, e suas variantes, houve assim um descontrole de outras doenças que já se mostravam estabilizadas,

*“antes chegava a pessoa com coriza e já colocava como covid, tudo virou covid. Isso está comprovado, por exemplo, a tuberculose, era uma doença que estava controlada, mas com a pandemia estourou de novo a nível mundial e o Brasil foi um dos maiores causadores dessa prevalência”* (MARCOS).

Seguindo os apontamentos de Medrado et al. (2021) temos no item 2 “a rejeição às práticas preventivas em saúde” um complemento na discussão, pois além da diminuição das ofertas de cuidado em saúde e programas de prevenção, também há o investimento contrário às práticas de cuidado, a partir de um movimento negacionista liderado pelo presidente da república que questionou as práticas preventivas contra o coronavírus, discursos como o se o coronavírus fosse uma mera “gripezinha” (BBC NEWS, 2020), ou o ataque ao uso das máscaras (MOTTA e OLIVEIRA, 2021). Ações que reforçam o sentimento de invulnerabilidade frente ao risco de contaminação por COVID-19, estimulando e legitimando que eles podem ocupar os espaços públicos sem restrições e cuidados, tornando-os assim grandes vetores de disseminação do vírus. É preciso questionar esses sentimentos distorcidos das percepções de risco, pois só a partir da desnaturalização dessa invulnerabilidade masculina e da hipervalorização da virilidade que poderão criar-se representações saudáveis para os homens, caminhando junto com os cuidados de homens e mulheres e com os pactos civilizatórios (MEDRADO et al, 2021).

A partir do encontro dos homens com a realidade pandêmica, Sousa et al (2020b) trazem 4 atos/estágios possíveis para a relação dos homens com a percepção da realidade, sendo eles: ato 1. Da negação ao progressivo reconhecimento; ato 2. Percepção do problema, aceitação, explicação com base nos valores; ato 3. Negociação com respostas, adesão e não adesão de medidas; ato 4.

Retrospecção/reflexão que se constrói a partir da experiência. Embora o foco desta dissertação não seja no processo de tomada de consciência frente à pandemia, é importante destacar o quanto ele não ocorre de modo linear, não tendo uma confirmação de que todos chegarão ao ato 4, podendo assumir uma posição negacionista estancada no ato 1. Além disso, esse processo está intrinsecamente associado com o contexto social e os movimentos políticos, podendo desenvolver uma relação de sofrimento dos homens, porque

Ao perceberem os conflitos das autoridades políticas e sanitárias do Brasil, para o controle e a disseminação da doença epidêmica no país, os homens se sentem preocupados, apreensivos, descontentes e descrentes, o que pode prejudicar a aceitação da pandemia, que se espera que ocorra no segundo ato, e assim impede o seu progresso para os atos subsequentes. (SOUSA, et al, 2020b, p. 3486-3487)

Na prática é percebido um aumento considerável do sofrimento psicológico de homens e mulheres, decorrentes de toda a instabilidade vivenciada durante o cenário de pandemia em conjunto com as crises políticas, sociais e econômicas presentes no contexto brasileiro. Os serviços de saúde tiveram que tomar novas medidas para acolher a população e encontrar uma forma de manter os cuidados presentes nos protocolos de saúde municipais, ao mesmo tempo em que acolhia as novas dificuldades vivenciadas nos espaços comunitários,

*“As demandas de saúde mental estouraram, mas acho que agora aos pouquinhos está retornando ao normal. Estamos tomando algumas alternativas, por exemplo, o retorno dos grupos foi muito por conta disso. Isso tendo todos os cuidados, o grupo de caminhada teve toda uma autorização da gestão para retomar, mesmo sendo ao ar livre” (MARCOS)*

Ao pensarmos o item 3 da dinâmica doméstica, percebemos que ao colocar os homens mais tempo dentro de seus lares pode ter um efeito de violência mútua, tanto para eles, que sofrem mais em decorrência dessas vivências, como para as pessoas que convivem com eles, pois vale lembrar que as mulheres, adolescentes, idosos e LGBTQIA+ se tornam ainda mais vulneráveis nesses cenários domésticos (MEDRADO et al, 2021, SANTOS et al, 2020). É importante ressaltar que o cenário de isolamento causado pela pandemia aumenta as vulnerabilidades de quem está sofrendo violências domésticas, pois ao conviver com o agressor, não há a



possibilidade de realizar denúncias presenciais, causando assim um efeito de subnotificação dos casos de violência (BAGGENSTOSS; LI; BORDON, 2020).

Santos et al (2020) ajudam a compreender a violência como um fator estruturalmente construído na sociedade patriarcal e relacionam esse aumento de violência ao contexto de pandemia, pelos fatores de maior convívio social, já que os homens estão mais tempo em casa e precisam se deparar com um espaço que não é deles, ao mesmo tempo em que aumenta a possibilidade de controlar e exercer poder contra as mulheres e familiares. Mas outro fator que chama a atenção é a desestabilização dos homens, já que com o desenrolar da pandemia, vimos um aumento significativo de demissões em massa, e a ampliação da crise política e da saúde, fatores que ferem circunstancialmente a posição que o homem toma para si na sociedade. Ou seja, a violência não pode ser lida como um fator de relações microsociais, mas deve ser analisada como um dos fatores da própria noção de masculinidades e suas sociabilidades.

Mesmo com o aumento das dificuldades de realizar denúncias, vivemos uma realidade de aumento drástico das violências registradas, nos deparando com um total de 1,350 feminicídios no ano de 2020, sendo destes, 81,5% deles foram mortas por companheiros ou ex-companheiros e possuem um fator racial marcado, pois as mulheres negras compõem um total de 61,8% das vítimas (FÓRUM..., 2021). As formas de realizar a denúncia também tiveram transformações, como relatam as autoras (BAGGENSTOSS; LI; BORDON, 2020), houveram mulheres que só conseguiram relatar as violências sofridas por meio de subterfúgios como “jogar uma toalha pela janela” ou “entrar em uma agência bancária e pedir ajuda”, já para as denúncias telefônicas nos deparamos com a realidade de 1 chamado de violência doméstica por minuto no ano de 2020 (FÓRUM..., 2021).

A população LGBTQIA+ também foi alvo significativo da violência, tendo um aumento de 20,9% nas agressões, se comparado com o ano de 2019, e a taxa de homicídios aumentou 24,7% (FÓRUM..., 2021), também nesse é importante perceber que esses dados competem apenas às notificações oficiais, que são realizadas numa sociedade marcada pela LGBTfobia e muitas violências cometidas não são reportadas relacionando as vítimas com as questões de gênero remontando assim uma realidade ainda mais preocupante, pois como aponta o próprio anuário, 15 estados e o DF não possuem qualquer informação de violências associadas às orientações sexuais ou identidades de gênero (FÓRUM..., 2021). É a partir de

Associações como a ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), que podemos ampliar um pouco mais a realidade vivenciada pelas integrantes da comunidade, a ANTRA contabilizou um aumento considerável no número de pessoas trans assassinadas no último ano, de 124 mortes em 2019, para 175 em 2020, sendo todas elas de travestis e mulheres transexuais (BENEVIDES e NOGUEIRA, 2021). Já no segundo boletim da ANTRA, percebemos um total de 80 assassinatos contra pessoas Trans no primeiro semestre de 2021, ressaltando a diminuição da idade da pessoa mais jovem assassinada de 17 para 13 anos (ANTRA, 2021).

Faço aqui a ressalva da importância de olhar para os dados da violência cometida nesse cenário de pandemia, pois ao colocarmos as masculinidades em foco, se faz inerente a discussão das violências, já que são os homens cisgêneros brancos os principais vetores de agressões e violências na sociedade. Mas, ao percebermos a influência da sociedade machista e patriarcal, não podemos cair na leviandade de colocá-los como os homens que matam, pois ao mesmo passo, também precisamos perceber que eles também são os homens que morrem. Ao olharmos para as mortes violentas intencionais, nos deparamos com dados alarmantes, pois 91,3% são homens, 76,2% das vítimas são pessoas negras e compõem um total de 54,3% de jovens, ou seja, o foco da violência intencional no Brasil tem gênero, cor e idade, marcadores estes encarnados principalmente nos jovens negros (FÓRUM..., 2021). Quando buscamos a letalidade causada pela ação da polícia, os parâmetros afunilam ainda mais nos corpos dos jovens negros, pois a porcentagem de homens aumenta para 98,4%, sendo 78,9% negros e as idades entre 12 e 29 anos compõem um total de 76,2% das vítimas (FÓRUM..., 2021).

Além dos óbitos e das violências diretas vivenciadas pelos homens, se faz necessário olhar para os sofrimentos constituídos a partir das esferas mais privadas de suas vidas, em recente pesquisa, foi possível notar uma precarização na saúde dos homens, pois “Evidenciaram-se mudanças e surgimento de novos hábitos; mal-estar na família; prejuízos nas relações afetivas e sexuais; prejuízos nas relações conjugais; insegurança laboral e sofrimento psíquico” (SOUSA et al, 2020a, p. 12). Sofrimentos causados pelo desenvolvimento da pandemia e os novos modos de viver que são empregados socialmente, demarcados pelo isolamento social e o iminente risco de vida causado pela pandemia de COVID-19, são impulsionados

pelo modelo hegemônico de masculinidades empregado aos homens, que diminui suas capacidades de buscar ajuda e interagir socialmente.

## 5. 2 ENTRE O HOMEM ABSTRATO E O REAL: PRODUÇÃO DE MASCULINIDADES NA PNAISH E NA ESF

*Masculinidades*  
*Cuida, meu irmão*  
*Do teu emocional*  
*Cuida do que é real*  
*Masculinidade frágil, coisa de menino*  
*Eu fui profano e sexo é divino*  
*Da minha intimidade, fui um assassino*  
*Que merda!*  
*Quando criança, era chamado de bicha*  
*Como se fosse um xingamento*  
*Que coisa mais esquisita*  
*Aprendi que era errado ser sensível*  
*Quanta inocência*  
*Eu tive medo do meu feminino*  
*Eu me tornei um homem reprimido*  
*Meio sem alma, meio adormecido*  
*Um ato fálico, autodestrutivo*  
*No auge e me sentindo deprimido*  
*Me vi traindo por ter me traído*  
*Eu fui covarde, eu fui abusivo*  
*Pensei ser forte, mas eu só fugi*

*Tiago Iorc*

A PNAISH é um importante avanço na identificação das vulnerabilidades às doenças vivenciadas pelos homens, apontando o quanto os estereótipos de gênero presentes culturalmente são fatores que potencializam essa população às situações de violência e de risco para a saúde. Concepções de que homens precisam ser violentos, impositivos, dominadores, fortes e viris, causa uma noção de que o adoecimento expressa uma perda dessa posição masculina, dificultando assim o acesso dos homens ao sistema de saúde (SEPARAVICH; CANESQUI, 2013).

Como aponta a PNAISH, as “representações sociais sobre a masculinidade vigente comprometem o acesso à atenção integral, bem como repercutem de modo crítico na vulnerabilidade dessa população às situações de violência e de risco para a saúde” (BRASIL, 2008, p. 7), essas vulnerabilidades são vislumbradas através de

diferentes discursos empregados por esses homens, como exemplo, o de que homem é forte e não pode demonstrar fragilidade recaí sobre a concepção de que homens não precisam realizar exames e consultar com profissionais da saúde. Essa visão aparece no campo ao perceber que os homens acessam *“geralmente após uma intercorrência, avc, infarto, acidente, que acaba aderindo a unidade de saúde, mas é uma aderência rasa, passou ali o agudo, ficou bem, já perde a adesão”* (PEDRO, graduando em medicina), sendo uma prática compreendida como intrínseca às masculinidades e associada de forma generalizada aos homens, esse entendimento perpassa toda a equipe, como aponta Igor (enfermeiro)

*“basicamente nas consultas de homens, relacionadas a saúde do homem, queixas masculinas, ou o paciente veio fazer algum teste rápido de rotina ou o paciente tá com alguma ferida, uma lesão, uma coceira e veio procurar a gente, basicamente se resume a isso”*. (IGOR)

Outro fator determinante é o papel de provedor associado aos homens, pois a partir dessa posição, eles se colocam como impotentes de faltar ao trabalho por questões de saúde, pois *“o horário do funcionamento dos serviços coincide com a carga horária do trabalho”* (BRASIL, 2008, p. 6), essa questão é vivenciada na ESF, para quem busca um clínico geral, *“o que acontece é que se tu não tá num grupo determinado de pessoas, tu tem que vir pra cá tirar ficha [...] tem que vir pra cá quatro horas da manhã com a cadeirinha de praia tentar tirar ficha”* (IGOR).

Nesse discurso há um marcador social que deve ser levado em conta, pois pensar nas masculinidades de maneira ampla é perceber o fator renda como produtor de desigualdade entre diferentes homens. Nota-se assim que esse discurso é empregado fortemente por homens assalariados que dependem de seus empregos para a garantia e sustento da vida de suas famílias. Por meio dessa discussão, é importante pensar nesses demarcadores que afetam diretamente a vida de homens com baixa renda e as dificuldades que eles têm no acesso a saúde pública, como Marcos destaca,

*“Aqui em São Leopoldo o cuidado é muito centralizado, tudo lá no centro e a Feitoria é longe, daí nem todo mundo tem dinheiro do Uber, o acesso ao transporte público é complicado, aqui não tem trensub, que é muito bom. Aí tem a questão da segurança, das paradas de ônibus, aí a questão dos determinantes sociais grita, porque é tudo lá no centro”* (MARCOS).

A partir de todos os entraves para o acesso dos homens aos espaços de cuidado na saúde, é importante levar em conta que a forma como eles estão sendo acolhidos, ou não, vai modificar permanentemente a frequência que irão acessar e a relação que irão desenvolver, tanto com o serviço que promove o cuidado, quanto com a noção de cuidado própria e com as pessoas ao seu redor. Igor traz um ponto que ajuda a elucidar como ele se sente em relação ao cuidado e a forma como deve ser pensado de maneira ampla para acolher aos homens: *“Se a gente tem dificuldade de acessar alguma coisa a gente vai se necessário, entende, se a gente tem um bom acesso a gente vai se cuidar mais, a gente vai frequentar mais aquele lugar”* (IGOR). O questionamento que surge a partir deste relato é: Os homens não se cuidam porque “naturalmente” não são aptos a isso, ou são os espaços sociais que produzem e reforçam essa relação de “não cuidado”?

Embora a discussão sobre dificuldade de acesso dos homens aos serviços de saúde esteja presente na PNAISH, no cenário atual existem poucas mudanças desde que houve a implementação da Política, demarcando assim o distanciamento entre a proposição de uma política e sua implementação (BARRETO, 2018). Pensando juntamente com Secchi (2012) ao discutir o ciclo de políticas públicas, percebemos que embora a PNAISH já tenha sido proposta para a adesão na Atenção Básica, as dificuldades vivenciadas pela população mais pobre e a assalariada que não pode faltar ao trabalho por medo de perder o emprego, não são identificadas como um problema de saúde pública. Pois, embora essas dificuldades já tenham sido identificadas desde 2008, vemos uma realidade estagnada que reproduz os mesmos dilemas para os homens com baixa renda. Para que alguma mudança seja possível dentro desse espectro, é necessário entender a desigualdade possui diversos atravessamentos e apenas a condição masculina não garante o privilégio de maneira semelhante a todos os homens. Nesse sentido, podemos dialogar com a interseccionalidade entre classe e gênero, pois um homem com renda elevada pode vivenciar os mesmos dilemas de existir numa cultura que o coloca como provedor, porém, terá acesso a serviços de saúde capazes de suprir suas necessidades de horários e demandas de cuidado. Sendo necessário apontar que no Brasil os ricos possuem maior adesão aos serviços de prevenção em saúde, enquanto os mais pobres acabam buscando principalmente nas situações de

urgência a emergência, constituindo os planos privados de saúde os principais fatores de desigualdade no acesso a saúde no Brasil (ARRETCHE, 2018)

A violência é um fator crucial na discussão acerca da saúde do homem, pois a violência em sua maior parte é vivenciada e reproduzida através da construção das masculinidades (BADINTER 1993; IPEA, 2020a). Os homens crescem em jogos de violência e são constantemente incitados a ela, ou seja, a violência não faz parte da natureza masculina, mas ela é inserida na vida de meninos desde muito cedo na sua socialização, ao serem ensinados a serem competitivos, agressivos, impositivos e pressionados constantemente a afirmarem essa posição para garantir sua posição de dominante. Essa construção faz com que tenhamos um índice de 78% dos óbitos relacionados à Causas Externas, ou seja, “40,3% foram por homicídios, 30,0% por acidentes de transporte, 7,4% por suicídios, sendo 22,3% por outras causas” (BRASIL, 2008, p. 18). Além da vida dos homens, a violência também atinge diretamente a vida de mulheres, pois em 2018 houve um total de 4.519 mulheres assassinadas no Brasil, sendo o Femicídio um dos principais fatores (IPEA, 2020a).

Embora a violência seja a principal questão relacionada à saúde do homem e com influência na saúde da mulher, percebemos que há pouco investimento do governo no desenvolvimento de trabalhos que busquem diminuir essa problemática. Secchi (2012) nos aponta que na produção de políticas há um importante levantamento da identificação do problema, o que podemos compreender que a partir de um governo que reforça um estereótipo de masculinidade hegemônica, há aí o impedimento de ações que vão contra essa norma, voltando assim a atenção para questões que reafirmam esse modelo de ser homem. É importante ressaltar o quanto essa lógica é construída politicamente e é reproduzida nos serviços de saúde, tendo o espaço de cuidado do homem reiteradamente associado ao Novembro Azul e ao câncer de próstata, sendo uma importante discussão para a saúde do homem, mas não representando a principal necessidade para a promoção de cuidado e saúde para os homens e toda a sociedade que os cerca.

*“nunca vi se falar sobre estratégia para abordagem do público masculino, ainda sim, quando se falou foi em novembro azul e próstata, tirando isso, nada. E ainda sim, foi novembro azul: próstata. E eu me segurando para não dar um "chilique" naquela sala e falar “gente para de oferecer PSA para todo mundo porque se o cara andar de bicicleta pode dar PSA*

*alterado, se o cara andar a cavalo pode dar PSA alterado, se tiver relação sexual pode dar PSA alterado” (PEDRO)*

Embora a discussão sobre a saúde dos homens não esteja implementada como uma política dentro do serviço, há algumas iniciativas individuais que buscam o cuidado dessa população. Essas práticas costumam associar-se aos cuidados com a saúde das mulheres e a utilização delas como ponte e/ou reprodutoras das práticas de cuidado e promoção da saúde dos homens, como aponta Marcos: *“teve o grupo de auriculoterapia com mulheres em que discutimos a saúde do homem, utilizando as mulheres que estavam acessando, utilizando elas como promotoras de saúde” (MARCOS).*

Sob essa ótica, com o enfoque nas discussões de gênero e nas construções socioculturais vigentes, novamente é atribuída essa promoção do cuidado e saúde por meio das esposas/mães/filhas destes homens. Nesse sentido, mesmo que seja uma estratégia para atingir essa população, é delegada essa posição às mulheres, que acabam por sofrer mais uma pressão social do “cuidar”. Ao mesmo passo em que as mulheres são utilizadas como promotoras de saúde familiar, Pedro afirma que,

*“homem procura geralmente, homem jovem no caso, procura quando se acidenta, vai na emergência e depois volta para fazer atendimento. Ou às vezes a namorada foi fazer uma consulta e deu sífilis, aí ele vai lá e porque tem que testar e usar medicação, quando vai e daí é muito bom que vai né. (PEDRO)*

Percebemos novamente que é a partir das mulheres que há a possibilidade de acesso aos homens, neste caso, ressaltando a normativa heterossexual em que a mulher busca cuidados para sua saúde sexual e refletindo na necessidade do parceiro também buscar o tratamento para garantir a sua efetividade. Desta forma, a partir do momento em que as mulheres viram adultas, acabam sendo responsabilizadas pelos cuidados com os homens.

Um dos principais fatores que atravessam a violência é a raça, segundo o Atlas da Violência de 2020 (IPEA 2020a), 75,7% das vítimas de homicídio foram pessoas negras. Resquícios de um sistema escravocrata que foi além de um sistema econômico, criando uma subjetividade racista que afirma e mantém a desigualdade social, colocando as pessoas negras no lugar do “outro”, o qual não

possui os mesmos direitos que a população branca (SCHWARCZ, 2019). Exemplos dessa realidade são noticiados constantemente nas mídias, em que notícias de racismo aglomeram e se tornam parte do cotidiano, produzindo uma naturalização da violência do estado, como apontam Cesaro, Santos e Silva (2018, p. 3)

Os índices de morbimortalidade são elevados entre a população de homens negros e jovens. Entretanto, a diminuição dessas taxas não é objeto das políticas públicas de saúde do governo e não se materializa em ações para uma leitura para além dos indicadores de saúde.

Embora a PNAISH traga importantes discussões para o campo da saúde do homem de modo geral, ainda faz de maneira insípida, definindo o foco de atuação de 20 a 59 anos, por ser 41,3% da população masculina, atua de maneira ativa na construção de um papel sociocultural e político do homem na sociedade (SEPARAVICH; CANESQUI, 2013). Essa demarcação tem o objetivo de desmistificar a noção universalizada do homem, construindo um corpo permissivo de adoecer e sofrer, porém, ao longo de todo o texto vai dando pistas sobre quais as possibilidades de existência desses corpos, sendo elas o de um homem branco, cisgênero e heterossexual. Ao passo que homens negros, gays, bissexuais e transexuais são definidos como os “outros” corporificados e marcados, acontece quase um apagamento das pressões em cima de seus corpos, pois todos os homens de maneira geral vivenciam suas relações de poder e dominação. Urge a necessidade de se ampliar as possibilidades de existência enquanto homem, indo muito além de uma cisheteronorma branca que atravessa a própria construção da PNAISH.

Nesse sentido, é imprescindível a formação continuada de profissionais da área da saúde, a fim de propiciar um tratamento adequado a esses diferentes corpos masculinos que transitam o âmbito da saúde, principalmente no que diz respeito aos homens trans. Diante disso, um dos relatos nos ajuda a tecer uma reflexão acerca da invisibilidade e da falta de qualificação no cuidado a esses homens:

*“eu lembro que levou um tempo para eu entender assim, quando se chega um homem trans na consulta se eu deveria pedir exames especular [de colo de útero], eu ficava constrangido de pedir um exame especular em um homem trans, porque poderia estar ferindo a identidade dele” (PEDRO)*



Por meio disso, é possível analisar a ausência de entendimento de como cuidar dessa população, pois “um dos aspectos das representações que os/as profissionais de saúde têm se aproxima do entendimento de que existem diferenças que definem dois sexos, e o não cumprimento das expectativas que cada um deles carrega, provoca conflito e confusão” (BATISTA; ERI; MERCHAN, 2014)

É preciso (re)pensar os atendimentos a esses homens, reforçando a necessidade da reestruturação na formação dos profissionais da área da saúde, mas uma formação que possa abranger para além do tecnicismo, mas também no âmbito da compreensão sociocultural, e que possa ser considerado que nem todas as mulheres tem vagina, assim como nem todos os homens têm pênis. (BENTO, 2006).

Percebemos por fim o quanto a lógica colonizadora ainda se faz presente na maneira como as políticas públicas são concebidas, pois há a construção da política num ambiente fechado e idealizado, a metrópole sendo representada pelo nível federal, enquanto o nível local é assumido pela lógica da periferia. Desta forma, precisamos olhar mais profundamente a Política Nacional de Saúde do Homem, pois o que notamos é uma produção teórica ampla e complexa, capaz de oferecer muitas potencialidades para a subjetividade dos homens, porém, ao mesmo tempo, pecam pela falta de aplicabilidade, não se relacionando com os contextos reais da maioria dos homens.

A implementação das políticas públicas precisa ser repensada, porque urge a necessidade de políticas públicas que estejam mais próximas dos contextos reais, essa discussão é apontada por Cavalcanti, Lotta e Pires (p. 227, 2018), ao apontarem que “havia uma enorme discrepância entre a política elaborada no papel e a política implementada na prática – o que rendia à implementação uma interpretação problemática”. É necessário fomentar uma aproximação entre quem produz as políticas públicas e os agentes da ponta que lidarão com elas no cotidiano, pois o que ocorre é uma dupla falta de conhecimento, por um lado, quem redige as políticas não conhece as realidades vivenciadas pelos municípios, por outro, os agentes que trabalham diariamente com a saúde do homem não possuem acesso às discussões relacionadas com essas políticas. Possibilitando esse diálogo, poderia ocorrer um efeito de capacitação e formação para os agentes e oportunizaria que eles próprios sejam produtores e redatores das políticas.

Na relação entre masculinidades e formação profissional, há uma grande lacuna na qualificação de profissionais da saúde para agir frente aos diversos modelos de se constituir homem na sociedade. Nesse sentido, é fundamental a importância de entender como se dão essas constituições e como pode-se promover o acesso igualitário e humanizador, além da compreensão das masculinidades em seus diversos contextos e formas. Um dos entrevistados nos ajuda a dialogar, quando destaca a ausência do tema na formação:

*“É vergonhoso falar isso, mas a gente tem uma aula, uma aula só, sobre masculinidades, durante o curso se fala muito sobre o tema, o curso da Unisinos é um curso muito interessante sobre isso, fala muito sobre, faz abordagem social, então o curso tem o seu valor nesse ponto, mas aula de masculinidades é uma aula ministrada pelo professor V.” (PEDRO)*

Se não existir uma formação adequada e que humanize esses corpos masculinos em seus diferentes espectros, como será possível pensarmos no cuidado efetivo desse público? É necessária uma formação que dê vida a todas as existências masculinas e pensar suas ramificações, para além de um corpo cis-hétero e branco.

Em virtude disso, durante as entrevistas, foi citado a necessidade de buscar formações fora dos muros das universidades, visto que ela sozinha não dá conta de uma formação que forneça os amparados necessários no que diz respeito à promoção da saúde do homem, porém, há o entrave de que estas formações são categorizadas e direcionadas para públicos específicos. Douglas e Jonas vivenciam essa realidade de maneira mais intensa, embora o cargo de Agente Comunitário de Saúde, tenha a atuação direta na construção de vínculo e cuidado com os moradores da comunidade, em muitos momentos as formações continuadas oferecidas pelo município não os contempla. Esse afastamento pode gerar um sentimento de exclusão e, decorrente disso, uma maior frustração sobre sua atuação e desejo de seguir se especializando,

*“Eu acho que poderia ter um foco, profissionalizar, fazer alguma coisa pra dar um, um suporte. E isso podia ser pro município todo, e não só específico pra uma classe. Por exemplo, tem muita coisa que nós gostaríamos de aprender, só que o pessoal abre pra determinadas categorias. Poxa gente, eu acho que se tu tá trabalhando na saúde, a*

*universalidade, todos deveriam saber aquilo ali, sabe? Todos lidam com o público” (DOUGLAS)*

Além disso, nestas formações há a exclusão de homens que não se encaixam nos padrões hegemônicos, ou seja, aqueles que desviam de uma heteronorma. Como destacado no capítulo acima, existe um despreparo dos profissionais da saúde frente a esses homens que subvertem o modelo universal branco, como os homens negros e trans. Sendo assim, Pedro destaca a ineficiência das instituições formadoras, ao retratar a dificuldade no atendimento a um homem negro:

*“o paciente quando ta com falta de ar ele fica meio arroxeadado, lábio arroxeados e tal, em uma pessoa como o Cauê [branca] é fácil de ver sabe porque a pele é bem clarinha, dá para ver a boca roxa, os olhos roxos, os dedos roxos sabe, agora tipo em um paciente de pele preta, é difícil ver, e talvez seja difícil porque eu não vi muito exemplos de uma pessoa de pele preta, vi muito exemplos mas em uma pessoa de pele preta eu nunca vi” (PEDRO)*

O SUS garante entre seus princípios a equidade, ou seja, oferta de atendimentos diferentes que busquem a igualdade de direitos em seus atendimentos, entretanto, muitas dessas práticas acabam ficando apenas nas premissas de atendimento do SUS e não alcança a realidade dos usuários. Desta forma, é essencial que os serviços e os profissionais da área tenham o conhecimento para prestar assistência a pessoas que se identificam enquanto negras. Dessa maneira é necessário a construção de uma capacitação e formação adequada de profissionais da saúde contemplando a dimensão racial, buscando-se subsídios e conhecimentos científicos para uma promoção e atenção à saúde mais igualitária, justa e de qualidade, facilitando o acesso e a busca da população negra nos âmbitos de cuidado. (CARDOSO, 2015).

Por fim, percebemos que há a construção de uma política de “não cuidado masculino” em vigor no Brasil, sendo reafirmada constantemente pelos espaços governamentais e refletidos na cultura que reforça o machismo e a posição dos homens como incapazes de produzirem cuidado consigo e com os demais. O sistema de saúde é pensado para dificultar o acesso dos homens, e quando olhados de maneira interseccional, são os homens trans, negros e gays os principais excluídos dessa posição de cuidado, pois, além da dificuldade de acessar ao serviço de saúde, em muitos casos acabam se deparando com problemas estruturais de

transfobia, racismo e homofobia. Igor, de maneira simples, consegue pontuar o que causa a ausência dos homens na ESF, segundo ele “*Se a gente tem dificuldade de acessar alguma coisa a gente vai se necessário, entende, se a gente tem um bom acesso a gente vai se cuidar mais, a gente vai frequentar mais aquele lugar*” (IGOR). Para que essa realidade seja transformada, precisamos reafirmar movimentos que questionam esse modelo de masculinidade conservadora, impulsionando formas diversas de existir enquanto homens que sejam mais equânimes e sustentáveis socialmente.

Esse diálogo precisa ser realizado junto com os espaços de formação de políticas e profissionais, visibilizando os homens não como seres universais e sem corpo, mas como viáveis de existirem, pensarem sobre si mesmos e responsabilizando-os em como suas posturas afetam a sociedade de forma geral. Essa é uma empreitada que deve ser realizada de maneira coletiva e plural, compreendendo que as masculinidades se integram às diversas sexualidades, raças, classes e idades.

## 6 NARRATIVAS ENCONTRADAS E POSSIBILIDADES A SEGUIR

A partir do que trabalhamos na presente dissertação, aponta-se como necessário socialmente o reconhecimento de que não há uma forma universal de ser homem, logo, existem masculinidades construídas e mantidas sob a lógica da violência, da subjugação do outro, da exploração, e mesmo essas masculinidades são diversas, pois são múltiplos fatores que as constroem e sustentam, derivados dos marcados sociais que interseccionam seus corpos e os modos que se subjetivam. Do mesmo modo, as masculinidades não-normativas também são possíveis de serem construídas, muitas vezes a partir do reconhecimento do campo de possibilidades que cada sujeito está inserido, reconhecendo, ao mesmo tempo, os marcadores sociais que se interseccionam e produzem diferenças - e desigualdades - no modo como suas masculinidades são possíveis de serem vivenciadas e expressadas. Este último apontamento se torna central na hora de pensar intervenções e políticas de promoção da equidade de gênero e justiça social.

Com a compreensão sobre formação de identidades e sociabilidades, podemos dar um maior embasamento para as discussões no campo das masculinidades. É importante demarcar que as identidades não são estanques e se transformam continuamente, estruturando e sendo estruturadas a partir das relações sociais. Dessa forma, podemos entender alguns movimentos que homens inseridos em relações de cuidado comunitário são convidados - ou convocados - a fazer.

Como vimos, a pandemia amplificou desigualdades preexistentes, e no que diz respeito ao acesso dos homens aos serviços de saúde, essa realidade não foi diferente. A produção de masculinidades hegemônicas, desresponsabilizadas pelos cuidados consigo e com os outros, aliada às orientações de isolamento e distanciamento social e à diminuição das ofertas de cuidado nas unidades de saúde, acabaram por afastar ainda mais os homens desses espaços.

Homens trabalhadores, que não conseguem acessar os serviços de saúde sem precisar faltar ao trabalho, nesse momento de crescente desemprego e redução das ofertas dos serviços de saúde, ficaram ainda mais à deriva das produções de cuidado oferecidas por esses espaços. Ao mesmo tempo, os movimentos contrários aos protocolos de proteção, que eram liderados pelo presidente da república e reforçavam a noção de invulnerabilidade dos homens, contribuíram com uma

postura de não promover cuidado e, conseqüentemente, com o aumento de casos - e mortes - por COVID-19.

A partir das entrevistas e das discussões realizadas, espera-se abrir uma maior compreensão da importância de investimento em políticas públicas que atuem no cuidado com os homens, questionando a noção de que são incapazes de produzir identidades sociais voltadas ao cuidado de maneira sensível e humanitária.

Os entrevistados apresentaram questionamentos sobre si mesmos a partir do diálogo com sujeitos que lhes mostraram outras possibilidades, seja em relação aos seus modos de ser homens, seja em relação a outros marcadores que se entrecruzam diretamente com o gênero, como por exemplo, a raça. Através da ampliação de seus campos de possibilidades, os sujeitos iniciaram um movimento de desconstrução e soltura de algumas amarras sociais que os impediam de se expressarem como desejavam, uma vez que as construções sociais que ditam o que um homem pode/deve ou não fazer, não lhes permitiam.

A pandemia juntou-se à uma visão biologizante das masculinidades, em que os cuidados com os homens são principalmente atrelados à campanha do câncer de próstata ou a partir de adoecimentos crônicos, invisibilizando as possibilidades de promoção de prevenção em saúde. Esta dissertação ressalta a necessidade de discutir o machismo como um produtor de sofrimento e adoecimento tanto de homens, quanto de mulheres, e o quanto sua visão ainda é reafirmada em todos os âmbitos sociais, inclusive na forma como os cuidados em saúde são promovidos. Para isso, é necessário rediscutir a maneira como profissionais estão atuando junto aos homens e como a política que trata da saúde dos homens está sendo aplicada, ou não.

Nesse sentido, a implementação da PNAISH foi um passo importante para pensarmos a produção de saúde dos homens no Brasil. Contudo, a Política se mostra ainda atrelada à lógica cisheteronormativa, que reforça a visão de um suposto “homem universal” e invisibilizando as complexas e múltiplas formas de ser e se expressar enquanto homem. A visão universalizante dificulta a construção de ações nos serviços de saúde que sejam pautadas em uma visão interseccional, que considere as pluralidades e as diferentes necessidades que os homens possuem, a partir dos marcadores de raça, classe, identidade de gênero, orientação sexual, local de moradia, geração, entre outros.

Desta forma, torna-se fundamental que as formações permanentes em saúde auxiliem na sensibilização dos/as trabalhadores/as da saúde para essas questões, oferecendo subsídios teórico-práticos que levem em conta as realidades de cada contexto e de cada sujeito atendido. Também se faz necessário que nas reuniões de equipe sejam discutidas estratégias para ampliar o acesso dos homens aos serviços de saúde, tais como horários estendidos em alguns dias e/ou aos sábados, ações fora do espaço físico da unidade, entre outras possibilidades que possam ser pensadas coletivamente a partir das condições de cada serviço.

Nota-se que a compreensão das masculinidades ainda está muito atrelada às violências que eles reproduzem, sendo invisibilizados das relações de cuidado que eles podem/desejam ocupar, contudo, há nos atores da dissertação a resposta de que é possível quebrar esta lógica e construir ponte para outras percepções de si mesmo. Esta dissertação tentou servir como um espaço de reflexão e abertura de diálogo para esse olhar sobre os homens, tendo como foco nas identidades cisgênero, brancas e heterossexuais, afim de questionar a cisheteronormatividade e o racismo presente nas relações entre homens. Porém, ressalta a necessidade de mais trabalhos no campo, capazes de produzir brechas nas normativas de gênero e que abram espaços para outras narrativas serem contadas, ampliando os repertórios masculinos sobre suas possibilidades de existências.

Por fim, em decorrência das limitações do autor e do tempo de finalização para a dissertação, alguns pontos foram retirados deste trabalho e serão melhor explorados em trabalhos futuros. Sendo eles o mapeamento das redes de cuidados comunitários dentro do bairro, indo além da ESF e de seus integrantes, entendendo que há outros atores, e cenários, sociais no território que podem representar o (não) cuidado para os homens. E a necessidade de trazer as percepções dos moradores que utilizam os espaços de cuidado e buscar os motivos que levam tantos outros a não acessarem esses serviços e dialogar com eles o que poderia ajudar na aderência deles.

## REFERÊNCIAS

- ADAMS, Telmo. Educação e economia (popular) solidária: mediações pedagógicas no trabalho associado nas associações dos recicladores de Dois Irmãos, 1994-2006. 2007. **Tese (Doutorado em Educação)** – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2007. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2064>.
- AGUAYO, Francisco, NASCIMENTO, Marcos. Dos décadas de Estudios de Hombres y Masculinidades en América Latina: avances y desafíos. **Sexualidad, Salud y Sociedad Revista Latinoamericana**. n. 22, abr. 2016. p. 207-220. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sex/a/zyWDZxZDGBGvgtMmFvFnKyL/?format=pdf&lang=es>
- ANTRA. **Boletim nº 02-2021**. Associação Nacional de Travestis e Transexuais, 2021. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/07/boletim-trans-002-2021-1sem2021-1.pdf>
- APPIAH, Kwame Anthony. Identidade como Problema. In.: SALLUM JR., Brasílio, SCWARCZ, Lilia Moritz, VIDAL, Diana, CATANI, Afrânio (orgs.). **Identidades**. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2018.
- ARRETCHE, Marta. Democracia e Redução da Desigualdade no Brasil: a inclusão dos outsiders. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 33, N.96. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/Mtx4F43dy9YjLkf9k85Gg7F/?format=pdf>
- BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Tradução Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BAGGENSTOSS, Grazielly Alessandra, LI, Letícia Povala e BORDON, Lucely Ginani. Violência contra Mulheres e a Pandemia do Covid-19: Insuficiência de Dados Oficiais e de Respostas do Estado Brasileiro. **Revista Direito Público**, Brasília, Volume 17, n. 94, 336-363, jul./ago. 2020.
- BARRETO, Elissandra Ferreira, et all. A implementação da política nacional de atenção integral à saúde do homem: estado da arte. **Revista Pesquisa Cuidado Fundamental (Online)** ; 10(3, n. esp): 80-84, jun. 2018. Disponível em: <http://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/7609/6594>
- BARROS, Manoel de. **Retrato do artista quando coisa**. 1998. Disponível em: <https://abrilidenovomagazine.wordpress.com/2016/12/27/retrato-do-artista-quando-coisa-manoel-de-barros/>.
- BASTOS, Pedro Paulo Zahluth. Ascensão e Crise do Governo Dilma Rousseff e o Golpe de 2016: poder estrutural, contradição e ideologia. **Revista de Economia Contemporânea**. Número especial: p. 1-63. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rec/a/Q64JZq7tHnKDsYGVRRYS4mD/?format=pdf&lang=pt>



BBC NEWS. **2 momentos em que Bolsonaro chamou covid-19 de “gripezinha”, o que agora nega.** 27 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>

BENEVIDES, Bruna G., NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim (Orgs). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020.** São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo:** sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond; 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à saúde. Departamento de ações programáticas estratégicas. **Política nacional de atenção integral à saúde do homem.** Brasília, DF, 2008. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_atencao\\_saude\\_homem.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_atencao_saude_homem.pdf)

CARDOSO, Vanessa. Saúde da População Negra. **Portal Geledés.** 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/saude-da-populacao-negra/>

CAVALCANTI, Sérgio, LOTTA, Gabriela S., PIRES, Roberto Rocha C. Contribuições dos Estudos sobre Burocracia de Nível de Rua. In. PIRES, Roberto Rocha C., LOTTA, Gabriela S., OLIVEIRA, V. E. (Orgs.). **Burocracia e políticas públicas no Brasil.** Brasília: Ipea/Enap, 2018. Cap. 9, p. 227-246.

CAPRARA, Andrea; LANDIM, Lucyla Paes. Etnografia: uso, potencialidades e limites na pesquisa em saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online].** 2008, v. 12, n. 25, p. 363-376. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-32832008000200011>>. Epub 31 Ago 2012. ISSN 1807-5762. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832008000200011>.

CARDOSO, Vanessa. Saúde da População Negra. **Portal Géledes.** 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/saude-da-populacao-negra/#:~:text=Nos%20indicadores%20de%20sa%C3%BAde%20podemos%20obse%20rvar%20o%20impacto,e%20mais%20grave%20nos%20negros%3B%20miomas%2C%203%20>

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o Colonialismo.** Tradução Anísio Garcez Homem. Editora Letras Contemporâneas. 2010.

CESARO, Bruna Campos de, SANTOS, Helen Barbosa dos, SILVA, Francisco Norberto Moreira da. Masculinidades inerentes à política brasileira de saúde do homem. **Rev Panam de Salud Publica.** 2018;42:e119. <https://doi.org/10.26633/RPSP.2018.119>

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Tradução: Juliana de Castro Galvão. **Revista Sociedade e Estado,** v. 31, n. 1. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzsGrvmFTKFqr6GLVMn/>

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Silma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

CONNELL, Raewyn. A iminente revolução na teoria social. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 27, n. 80, p. 09-20, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092012000300001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092012000300001&lng=en&nrm=iso)>..

CONNELL, Raewyn. Género, Salud y Teoría: conceptualizando el tema em perspectiva mundial y local. Traducción: José Fernando Serrano. **Revista Nómadas**. Nómadas 39. Universidad central: Colombia. 2013. Disponível em: [http://nomadas.ucentral.edu.co/nomadas/pdf/nomadas\\_39/39\\_4C\\_Generosaludyteoria.pdf](http://nomadas.ucentral.edu.co/nomadas/pdf/nomadas_39/39_4C_Generosaludyteoria.pdf)

CONNELL, Raaweyn. Questões de gênero e justiça social. **Século XXI: Revista de Ciências Sociais**. v.4, no 2, p.11-48, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/seculoxxi/article/view/17033/10322>

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. Tradução Marília Moschkovich – São Paulo: nVersos, 2016.

DE-LUCA, Gabriela, ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidinei e CHIESA, Carolina Dalla. Projeto e Metamorfose: contribuições de Gilberto Velho para os estudos sobre carreiras. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, art. 4, pp. 458-476, Jul./Ago. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/P4bMxXczm8Z735LpxncdQsr/?format=pdf>

DINIZ, D. **Zika**: do sertão nordestino à ameaça global. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

FAUSTINO, Deivison Mendes. Frantz Fanon: capitalismo, fascismo e a sociogênese do colonialismo. **Revista SER Social**, Brasília, v.20, n.42, p. 148-163, jan.-jun., 2018.

FERNANDES, Wellington de Oliveira; ALMEIDA, Regina Araujo de. Mapas: entre narrativas pela dominação e dissertativas pela contestação. **[Dissertação mestrado]** Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas [FFLCH]. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-24022017-150348/>

FINATO, Romeu, MARQUES, Aline. **São Leopoldo alerta para superlotação na Upa Zona Norte e Hospital Centenário**. Site da Prefeitura Municipal de São Leopoldo, 2021. Disponível em: [https://www.saoleopoldo.rs.gov.br/?template=conteudo&codigoCategoria=&idConteudo=&idNoticia=24859&tipoConteudo=INCLUDE\\_MOSTRA\\_NOTICIAS](https://www.saoleopoldo.rs.gov.br/?template=conteudo&codigoCategoria=&idConteudo=&idNoticia=24859&tipoConteudo=INCLUDE_MOSTRA_NOTICIAS)

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Nota Técnica Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19**: 16 de abril de 2020. 2020. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2020/04/violencia-domestica-covid-19-v3.pdf>

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2021**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, ano 15, 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/07/anuario-2021-completo-v6-bx.pdf>

GREEN, James N. Herbert Daniel: política, homossexualidades e masculinidades no Brasil nas últimas décadas do século XX. In.: PENTEADO, Fernando Marques, GATTI, José (Orgs.). **Masculinidades**: teoria, crítica e artes. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011, p. 131-150.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva E Guacira Lopes Louro. Editora Lamparina, 2014a.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014b.

HARMAN, S. Ébola, género y mujeres notablemente invisibles en la gobernanza de la salud mundial. **Third World Quarterly**, v. 37, n.3, 2015.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas da Violências 2020**. IPEA. 2020a. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Políticas públicas e violência baseada no gênero durante a pandemia da covid-19**: ações presentes, ausentes e recomendadas. 2020b. Disponível em: [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10100/1/NT\\_78\\_Disoc\\_Politicass%20Publicas%20e%20Violencia%20Baseada%20no%20Genero%20Durante%20a%20Pandemia%20Da%20Covid\\_19.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10100/1/NT_78_Disoc_Politicass%20Publicas%20e%20Violencia%20Baseada%20no%20Genero%20Durante%20a%20Pandemia%20Da%20Covid_19.pdf)

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In. PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia, ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2014.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, outubro, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ha/v4n9/0104-7183-ha-4-9-0103.pdf>. Acesso em 27 de dezembro de 2020.

LEAL, Andréa Fachel, FIGUEIREDO, Wagner dos Santos e NOGUEIRA-DA-SILVA, Geórgia Sibebe. O percurso da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde dos Homens (PNAISH), desde a sua formulação até sua implementação nos serviços públicos locais de atenção à saúde. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**. 17(10), p. 2007-2016, 2012.

LOSSO, Adriana Regina Sanceverino. **Os sentidos da mediação na prática pedagógica da educação de jovens e adultos**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4126>.

LUGONES, María. Colonialidad y género. **Tabula Rasa**, n. 9, p.73-101. Bogotá: Colombia. 2008.

MACHADO, Ricardo. A reinvenção das políticas públicas baseadas na diversidade. Entrevista com Dirce Koga, **Revista IHU On-Line**, edição 455, de 29-09-2014. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao455.pdf>

MARTIS, Alberto Mesaque e MALAMUT, Bernardo Salles. Análise do discurso da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem. **Revista Saúde e Sociedade**. São Paulo: v. 22, n.2, p. 429-440, 2013.

MEDRADO, Benedito, et. al. Homens e masculinidades e o novo coronavírus: compartilhando questões de gênero na primeira fase da pandemia. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, 26(1):179-183, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/MXY3bz4DbzsTLqsMRr5PmGf/?format=pdf>

MIGNOLO, Walter D. **The Darker Side of Western Modernity**: global futures, decolonial options. Duke University Press: Durham & London. 2011.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Boletim Epidemiológico Especial n° 71**: Doença pelo Novo Coronavírus – COVID-19. Secretaria em Vigilância em Saúde: Ministério da Saúde. Brasília/DF, 2021. Disponível em: [https://www.gov.br/saude/pt-br/media/pdf/2021/julho/16/boletim\\_epidemiologico\\_covid\\_71.pdf](https://www.gov.br/saude/pt-br/media/pdf/2021/julho/16/boletim_epidemiologico_covid_71.pdf)

MOTTA, Anaís e OLIVEIRA, Felipe. No dia mais letal da covid-19, Bolsonaro questiona máscara e isolamento. **Blog Notícias UOL**, 25 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/02/25/no-dia-mais-letal-da-covid-19-bolsonaro-questiona-mascara-e-isolamento.htm>

NASCIMENTO, Marcos. Relações de amizade entre homens homo e heterossexuais: dinâmicas de gênero no contexto das masculinidades. In.: In.: STREY, Marlene Neves, MÜHLEN, Bruna Krimberg, KOHN, Kelly Cristina (Orgs.). **Caminhos de homens**: gênero e movimentos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. Cap. 5, p. 75-100.

ODS, OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. 2021. Disponível em: <https://ods.imvf.org/igualdade-de-genero/>

ONU MULHERES. **Precisamos falar com os homens?** Uma jornada pela igualdade de gênero. Documentário produzido pela ONU Mulheres. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jyKxmACaS5Q&t>

ONU MULHERES. **Gênero e Covid-19 na América Latina e no Caribe**: dimensões de gênero na resposta. 2020. Disponível em: [http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-COVID19\\_LAC.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-COVID19_LAC.pdf)

PASSOS, Eduardo, BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In.: PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia, ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PEREIRA, Jamile, KLEIN, Carin e MEYER, Dagmar Estermann. PNAISH: uma análise de sua dimensão educativa na perspectiva de gênero. **Revista Saúde e Sociedade**. São Paulo, v. 28, n.2, p.132-146, 2019.

PIMENTA, D. O cuidado perigoso: tramas de afeto e risco na Serra Leoa – a epidemia de ebola contada pelas mulheres, vivas e mortas. **[Tese Doutorado]** – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

RAFAEL, Ricardo de Mattos Russo, et al. Epidemiologia, políticas públicas e pandemia de Covid-19: o que esperar do Brasil?. **Revista Enfermagem UERJ**, v.28 (2020), Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/49570/33134>

REIS, Toni (Org.) **Manual de Comunicação LGBTI+**. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/ GayLatino, 2018.

SANTOS, Adelyany Batista dos; SHIMIZU, Helena Eri; MERCHAN-HAMANN, Edgar. Processo de formação das representações sociais sobre transexualidade dos profissionais de saúde: possíveis caminhos para superação do preconceito. **Cien Saude Colet** 2014; 19(11):4545-4554

SANTOS, Helen Barbosa dos. Um homem para chamar de seu: uma perspectiva genealógica da emergência da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem. **[Dissertação mestrado]** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional. Porto Alegre, RS: [s.n.], 2013.

SANTOS, Dherik Fraga, et. al. Masculinidade em Tempos de Pandemia: onde o poder encolhe, a violência se instala. **SciELO Preprints**, 2020. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/900/1260>

SCHNEIDER, Cristina Seibert e SELAU, Gabriela Passos. “Não Cabia Todo Mundo...”: A educação patrimonial na ressignificação do valor simbólico da Casa da Feitoria. **Historiæ**, Rio Grande, v. 12, n. 1, p. 151-170, 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o Autoritarismo Brasileiro**. São Paulo: Companhia Das Letras. 2019.

SECCHI, Leonardo. **Políticas Públicas**: conceitos, esquemas de análise, casos práticos. São Paulo: Cengage Learning. 2012.

SEFFNER, Fernando, GUERRA, Oscar Ulloa. Nem tão velhas, nem tão alternativas, nem tão tradicionais, nem tão diversas, mas nem por isso menos importantes: uma reflexão sobre a produção de “novas masculinidades” na contemporaneidade. In.: In.: STREY, Marlene Neves, MÜHLEN, Bruna Krimberg, KOHN, Kelly Cristina (Orgs.). **Caminhos de homens**: gênero e movimentos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. Cap. 4, p. 57-74.

SEPARAVICH, Marco Antonio Alves. Saúde masculina: representação e experiência de homens trabalhadores com o corpo, saúde e doença. **[Tese doutorado]**

Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas / Marco Antonio Alves Separavich. Campinas, SP: [s.n.], 2014.

SEPARAVICH, Marco Antonio, CANESQUI, Ana Maria. Saúde do homem e masculinidades na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: uma revisão bibliográfica. **Saúde Soc.** São Paulo, v. 22, n. 2, p. 415-428. 2013.

SILVA, Livia Freire. O fazer etnográfico: observações no campo, interações, preservação de identidades e interpretações. In: LIMA, GREILSON JOSÉ DE; OLIVEIRA, KELLY EMANUELLY DE; CONCEIÇÃO, JOANICE SANTOS; TELLA, MARCO AURÉLIO PAZ (Org.). **Ética Antropológica em Debate: Práticas e Narrativas** – João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2012. p. 372-376

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

SOUSA, Anderson Reis de, et al. SARS-CoV-2 no Brasil e as repercussões psicossociais na saúde masculina: estudo sócio histórico. **SciELO Preprints**, 2020(a). Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/pps-687>

SOUSA, Anderson Reis de, et al. Sentimento e emoções de homens no enquadramento da doença Covid-19. **Revista Ciência & Saúde Coletiva.** 25(9): p. 3481-3491, 2020(b). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/BQS5NSyYS4v4kdKhwtSMWtH/>

SOUZA, Maurício Rodrigues de. Psicologia Social e Etnografia: Histórico e Possibilidades de Contato. **Psicologia: Ciência e Profissão [online]**. 2015, v. 35, n. 2, p. 389-405. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-370301742013>>. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/1982-370301742013>.

STRECK, Danilo Romeu. Metodologias participativas de pesquisa e educação popular: reflexões sobre critérios de qualidade. **Interface** (Botucatu), Botucatu, v. 20, n. 58, p. 537-547, Setembro de 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832016000300537&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832016000300537&lng=en&nrm=iso)>

STREY, Marlene Neves. Homem, homens, masculinidade, masculinidades: as conturbadas vias de ser varão. In.: STREY, Marlene Neves, MÜHLEN, Bruna Krimberg, KOHN, Kelly Cristina (Orgs.). **Caminhos de homens: gênero e movimentos.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. Cap. 1, p. 07-18.

VEGA, C.; MARTINEZ-BUJÁN, R.; PAREDES, M. (ed.). **Cuidado, comunidad y común.** Experiencias cooperativas en el sostenimiento de la vida. Madrid: Traficantes de Sueños, 2018.

VIVEROS VIGOYA, Mara. **As Cores da Masculinidade:** experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América / Mara Viveros Vigoya; tradutor Allyson de Andrade Perez. - Rio de Janeiro (RJ): Papéis Selvagens, 2018.

VIVEROS VIGOYA, Mara. Discurso sobre o Colonialismo de Aimé Césaire: uma chave de leitura feminista latino-americana descolonial. Tradução: Angela Facundio Navia. **Revista Equatorial**. v. 8, n. 14, jan/jun. 2021.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

## ANEXO 1

## Divisão das Zonas de São Leopoldo

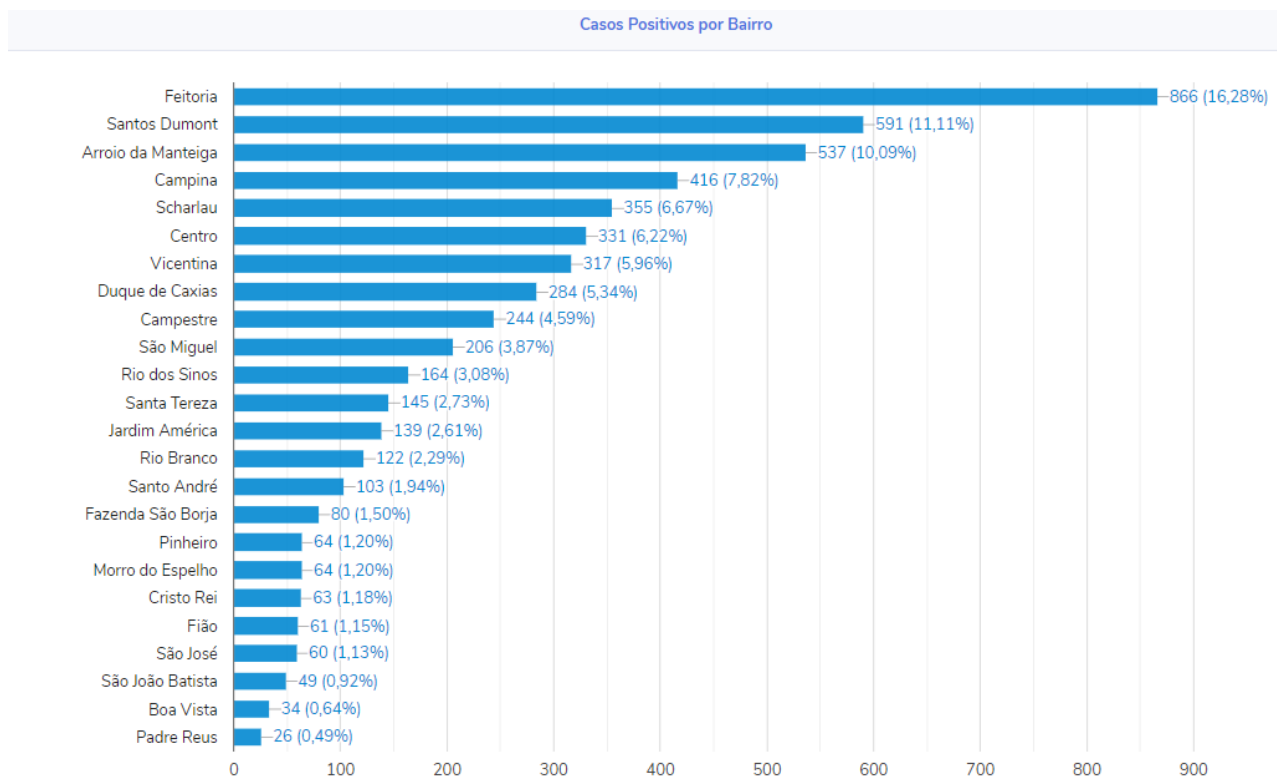


Fonte: Dados dos bairros de São Leopoldo (2010). Disponível em:  
<<http://www.ihu.unisinos.br/observasinos/vale/sao-Leopoldo>>



## ANEXO 2

## Número de casos positivos de COVID-19 no Município de São Leopoldo.



Fonte: <https://www.saoleopoldo.rs.gov.br/coronavirus/>

**APÊNDICE 1 – Poema Alienígena**

Minha cabeça borbulha  
Quero escrever não consigo  
Tudo passa em volta de uma frase  
"De que mundo tu é que não gosta de mulher?"  
Pergunta seria a palavra certa  
Mas eu sei que eu gosto de mulher  
Amo-as intensamente, porém não há tesão  
Pra que tesão?  
Talvez por não ter esse tesão é que eu consiga amá-las sem querer objetificá-las  
Quero amar todas elas, e quero que elas sejam tão felizes quanto eu  
Tenham tanta liberdade quanto eu  
Mas eu amo elas e ninguém pode tirar isso de mim  
Amo igual aos homens, mas nesses há tesão  
E como há tesão  
E como é bom e puro isso  
Mas dói tanto  
Por que o amor é tão encaixotado?  
Porque precisa seguir tantas normas?  
Por que precisa doer tanto amar?  
Porque eu não pertencço a esse mundo!!  
Mas de que mundo eu sou então?  
Por que lágrimas estão caindo dos meus olhos?  
Porque estou afogando minhas mágoas!!  
Porque eu quero pertencer a outro mundo, mas não quero largar o meu mundo  
Quero mudá-lo, mas sei que não tem como  
Não todo ele de uma vez  
Por que o amor que tenho não é capaz de tocar aos corações de quem estão  
próximos de mim?  
São mundos diferentes, afinal  
Obrigado

Cauê Rodrigues – 01/12/2014

## APÊNDICE 2 – Roteiro de Entrevista Douglas e Jonas (ACS)

- Como foi sua inserção na ESF Feitoria? Há quanto tempo está no Serviço? Qual sua formação? Fez alguma formação continuada ao longo do trabalho?
- Como é sua atuação no contexto da ESF Feitoria? Houve alguma mudança em decorrência da pandemia?
- Diferenças/problemáticas das diferentes áreas atendidas;
- Como percebem o acesso dos moradores ao serviço (se chegam, se as demandas são atendidas)?
- E como é a relação dos ACS com os moradores (conseguem visitar todos, como é o acolhimento recebido)?
- Há problemas específicos de gênero, sexualidade, raça, local de moradia no território?
- Como vocês abordam esses assuntos com os/as moradores/as? Há espaço para essas conversas no primeiro acolhimento para cadastramento (e para além dele)?
- Como vocês se identificam em relação à identidade de gênero, sexualidade e raça?
- Percebem diferenças no acolhimento das/os moradoras/es com as ACS mulheres e com os ACS homens? Percebem diferenças no trabalho como ACS em relação às mulheres ACS?
- Políticas de Atenção à Saúde do Homem e da Mulher (violência);
- Como é a tua relação de cuidado individual? Tem acessado o serviço regularmente?
- Tu percebe diferenças entre os cuidados masculinos e femininos na tua família?
- Houve alguma mudança significativa no modo de ser homem desde que se tornou ACS?
- Como percebem a efetivação (ou não) dos cuidados relacionados à COVID-19 (as pessoas conseguem fazer, há EPIs na unidade, etc.)?

### **APÊNDICE 3 - Roteiro Entrevista Marcos (fisioterapeuta)**

- Como foi sua inserção na ESF Feitoria? Há quanto tempo está no Serviço? Qual sua formação?
- Como é sua atuação no contexto da ESF Feitoria? Como a pandemia afeta a atuação?
- Como percebe o acesso dos moradores ao serviço (se chegam, se as demandas são atendidas)?
- E como é a relação da equipe mais técnica com as/os ACS? Tu sente que tem diferença na forma como a equipe acolhe as colocações quando é um agente homem e quando é uma agente mulher?
- Há problemas específicos de gênero, sexualidade, raça, local de moradia no território?
- Como vocês abordam esses assuntos com os/as moradores/as? Há espaço para essas conversas no primeiro acolhimento para cadastramento (e para além dele)?
- Como você se identifica em relação à identidade de gênero, sexualidade e raça?
- Como é a relação com as(os) usuárias(os) em relação ao toque corporal e o fato de ser um fisioterapeuta homem? Existe diferença de quando a usuária é acompanhada por um homem, ou outra mulher, do que quando o atendimento é realizado só com a usuária?
- Políticas de Atenção à Saúde do Homem e da Mulher (violência)? Há atividades desenvolvidas para a implementação da política? Existem discussões entre a equipe acerca da política? E com os(as) usuários(as)?
- Durante a graduação em fisioterapia, teve alguma formação específica em relação à PNAISH? E durante a residência?
- Como é a tua relação de cuidado individual? Tem acessado serviços de saúde regularmente?
- Tu percebe diferenças entre os cuidados masculinos e femininos na tua família?
- Houve alguma mudança significativa no modo de ser homem desde que se tornou fisioterapeuta? E durante esse período da residência?
- Como é pra ti ser colocado no local de referência em cuidado sendo um homem branco, cisgênero e heterossexual?
- Como as relações de cuidado atravessaram a tua vida?

- Como percebem a efetivação (ou não) dos cuidados relacionados à COVID-19 (as pessoas conseguem fazer, há EPIs na unidade, etc.)?

#### **APÊNDICE 4 – Roteiro entrevista Igor (enfermeiro)**

- Como foi sua inserção na ESF Feitoria? Onde tu mora e como foi sua aproximação com o bairro da Cohab Feitoria?
- Há quanto tempo está no Serviço? Qual sua formação?
- Como é sua atuação no contexto da ESF Feitoria? Como a pandemia afeta a atuação?
- Como percebe o acesso dos moradores ao serviço (se chegam, se as demandas são atendidas)?
- E como é a relação da equipe mais técnica com as/os ACS? Tu sente que tem diferença na forma como a equipe acolhe as colocações quando é um agente homem e quando é uma agente mulher?
- Como você se identifica em relação à identidade de gênero, sexualidade e raça?
- Há problemas específicos de gênero, sexualidade, raça, local de moradia no território?
- Como vocês abordam esses assuntos com os/as moradores/as? Há espaço para essas conversas no primeiro acolhimento para cadastramento (e para além dele)?
- Como é a relação com as(os) usuárias(os) em relação ao toque corporal e o fato de ser um enfermeiro homem? Existe diferença de quando a usuária é acompanhada por um homem, ou outra mulher, do que quando o atendimento é realizado só com a usuária?
- Políticas de Atenção à Saúde do Homem e da Mulher (violência)? Há atividades desenvolvidas para a implementação da política? Existem discussões entre a equipe acerca da política? E com os(as) usuários(as)?
- Como é a tua relação de cuidado individual? Tem acessado serviços de saúde regularmente?
- Tu percebe diferenças entre os cuidados masculinos e femininos na tua família?
- Houve alguma mudança significativa no modo de ser homem desde que se tornou enfermeiro?
- Como é pra ti ser colocado no local de referência em cuidado sendo um homem?
- Como as relações de cuidado atravessaram a tua vida?
- Como percebem a efetivação (ou não) dos cuidados relacionados à COVID-19 (as pessoas conseguem fazer, há EPIs na unidade, etc.)?

**APÊNDICE 5 - Roteiro entrevista Pedro (graduando de medicina)**

- Como você se identifica em relação à identidade de gênero, sexualidade e raça?
- Como foi a sua inserção na ESF? O que foi mais marcante durante esse período?
- Como foram suas possibilidades de atuação e intervenção?
- Qual a tua percepção sobre a atuação da ESF frente às questões de diversidade racial, de gênero e sexualidade?
- Quais foram as principais lacunas encontradas no serviço?
- Já teve contato com a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem e com a da Mulher? Se sim, quais as principais diferenças percebidas?
- Como o curso de medicina lida com a temática da saúde do homem?
- As Políticas foram aplicadas no dia-a-dia da ESF? Como?
- Como as relações de cuidado atravessam a tua vida?
- Quais as implicações de ser um acadêmico da área da Saúde no teu cotidiano?
- Como é a tua relação de cuidado individual? Tem acessado serviços de saúde regularmente?